

Xico Sá
Escritor e jornalista

Um homem que tem o Sertão como bússola e os amores como tema para compor a crônica da vida

Ficha Técnica

Equipe de produção:
Cynthia Freitas
Pedro Borges

Entrevistadores:
Camila Magalhães
Chloé Leurquin
Cynthia Freitas
Cláudio Lucas Abreu
Hugo Cardim
Livia Priscilla
Monique Targino
Naiana Gomes
Pedro Borges

Fotografia:
Andressa Bittencourt

Texto de abertura:
Cynthia Freitas

Para quem não sabe, nem só de humor e *macheza* vive esse *cabra*. Ao contrário, é muito mais de uma sensibilidade de menino sonhador do Interior que sobrevive a pulsar o coração de Francisco Reginaldo de Sá Menezes, hoje, aos 51 anos, homem feito, com alma de mancebo.

O cariense-pernambucano mais conhecido por Xico Sá, jornalista, cronista dos corações perdidos, consultor-amigo das “*ralações*” amorosas e observador profissional das mulheres, desviou do destino mais fácil e cumpriu a rota dos próprios desejos. Lá da zona rural de Santana do Cariri, no Sítio das Cobras onde viveu as primeiras memórias, desembestou para correr o mundo, guardando o lugar do Sertão inteiro no peito.

Na infância, o embate entre o sonho e a realidade; a vontade de ser escritor e a concretude da vida cotidiana habitava o garoto, que se dividia entre o leitor visto com estranheza – feito um *Pacu* desses *Abris Despedaçados* pelo sertão – e o filho que ajudava o pai na obrigação de ser homem. Das duas coisas Xico sabia ter gosto, até descobrir que em cidade grande os livros existem de pé – em contrapartida aos que era acostumado a ver, deitados, aqueles fininhos, paradidáticos, em casa e nas escolas onde estudou – e de lugares assim ele não poderia mais sair.

“De lá, para não mais voltar”. *Lá* é a estrada, o rumo para o encontro com um mundo onde a maior agitação de gente não é a feira do Crato. Recife, Brasília, São Paulo e outros destinos de tempo mais curto passaram pelo coração andarilho de Xico Sá, enquanto aprendia o ofício de repórter. O Sertão, porém, nunca deixou de reverberar; não à toa, o jornalista, hoje morando no Rio de Janeiro, carrega uma *persona* impregnada das marcas do Nordeste, as principais marcas de vivência. Está no “*di*”, está na falta de esforço

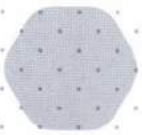
proposital em traduzir as expressões – quem quiser que entenda a *bagaceira* –, está no olhar que o escritor lança ao mundo, sempre buscando referências de onde tudo começou.

O estilo de Xico denuncia, de longe, que a *jurubebice* é passado, e talvez o que ainda lhe falta em cremes *à la* metrossexuais sobra em delicadeza de gosto na escolha da camisa para o dia, por exemplo, estampada de flores. O ex-matuto que se escondia das visitas em casa é agora um conquistador sem esforço, de simpatia fácil, que não poupa gargalhadas nem se acanha em dizer coisa alguma, *palavão*, então, é do vocabulário.

A língua levemente presa para pronúncias não impede o gatilho rápido para as reflexões e, apesar de ter deixado a poesia no primeiro livro que escreveu, as palavras dele sempre dão um jeito de ter um arranjo poético, ainda que, na maioria das vezes, não façam rodeios nem amenizem.

Xico acarícia a barba que desce pelo pescoço enquanto escuta nossos pensamentos se formarem e enquanto ele mesmo articula o que vai dizer; não tira os óculos modernos, de aros grossos, em nenhum momento; salvação dos para lá de dez graus de miopia. Logo no início, faz a entrevista criar ares de boa conversa de bar, desses papos leves que, finalizada a formalidade da pauta, acabou por se estender até encontrar as primeiras horas da madrugada, para satisfação e embriaguez geral.

O filho do Interior, a figura descontraída da tevê, o escritor de tiradas irônicas, o apaixonado incurável, o boêmio, todos os Xico Sá estão nesse pacote *malamanhado*, ele diria, de homem. Quase não é surpreendente o quanto, além de tudo isso, ele é apenas um cara simples. O encontro, que deixa insuspeitáveis memórias dos bastidores, foi o encerramento perfeito de um ciclo para todos nós.



Entrevista com Xico Sá, realizada no dia 31 de maio de 2014

Pedro – Xico, sua criação na região do Cariri (*região Sul do estado do Ceará*) é uma coisa que fica muito evidente nos seus trabalhos, na linguagem, na sua personalidade. Qual é o significado desse lugar, desse tempo que você passou lá?

Xico – Cara, muito importante... *Tá* no meu texto, tem uma certa prosódia, um certo ritmo da forma com que eu escrevo, como fosse um sotaque, uma fala caririense mesmo. E além daquele mar de história que é o Cariri.

No romance (*Big Jato. Companhia das Letras, 2012*), eu acabei jogando tudo que tinha pra jogar de resto do Cariri que sobrava. *Tá* tudo no *Big Jato*, de certa forma. Eu considero o livro mais do que retrato da região; na verdade é muito mais importante como personagem o lugar, do que aquela família, que poderia ser a minha ou não, aquela família que é parte fictícia, parte verdadeira. Acho que é mais um livro sobre o lugar, ali situado em 1974, no meio dos anos 70, que é uma hora de migração em massa lá da região. Mas, no romance eu aproveitei o que faltava pra botar do Cariri, porque é uma coisa memorialista, acho que acabou vindo e saindo de inteiro ali.

Mas, na crônica mesmo, no dia a dia, sempre tem uma citação do Crato (CE), Juazeiro (CE), sei lá, um doido do mercado de Juazeiro, sempre aparece alguém falando alguma coisa, alguém de lá com um mantra, com uma loucura de lá da região. Mas é muito marcante mesmo, não conseguiu sair de mim, graças a Deus.

Naiana – Em algumas entrevistas, você disse que o seu pai era uma pessoa que falava menos, que era dado a resmungos, mais sério. Por que você acha que se tornou uma pessoa tão expansiva, tão diferente?

Xico – Ah, foi um sofrimento medonho pra eu perder a “matutice” (*ri*), eu era extremamente tímido também, aquele menino que chegava visita e se escondia em casa. Eu quebrei (*a timidez*) no começo da faculdade só, na esculhambação daquele conhecimento do mundo, novas pessoas, eu já no Recife (PE), novo lugar; acho que até a

distância da família favoreceu nisso, eu perder um pouco a vergonha das coisas, a cerimônia. Acho que não ter o olhar da mãe (*risos*), o próprio olhar paterno. É, dou uma quebrada mesmo total quando chego no Recife, mas só na faculdade. Mas, mesmo assim, demorou um pouco. Depois, num tempo, (*em que*) eu era mais poeta, fazia muito poema, tinha uns recitais, umas intervenções, umas coisas... Foi aí que eu perdi a vergonha, foi fazendo essas apresentações. Porque, até então, eu era igual a ele (*o pai*), a timidez extremada, aquela coisa do mato. E o deslocamento, parte que ajudava porque não estava sob o olhar de quem já me conhecia como aquele menino tímido, também inibia um pouco porque você *tava* num lugar estranho, você achava que todo mundo sabia mais do que você qualquer coisa. Você chega do interior, você acha que todo mundo sabe mais do que você qualquer assunto, você tem certo receio de falar.

Mas foram os recitais, esse movimento de poesia que era muito forte no Recife na época, de poesia marginal, poesia mimeógrafo (*Geração mimeógrafo, movimento brasileiro da década de 70. O nome refere-se à tecnologia utilizada nos anos 70 para a difusão da cultura por professores universitários, poetas, artistas em geral que buscavam meios alternativos à censura imposta pela ditadura militar*), era fortíssimo e isso foi que me ajudou a ir pra outro canto.

Cinthia – Xico, ainda no âmbito da sua família. Qual é a representação da sua mãe na formação da sua personalidade?

Xico – Minha mãe é quem é mais forte lá em casa, o regime lá é mais matriarcal do que patriarcal (*ri*). Minha mãe sempre foi forte. O próprio fato de eu ter ido embora era mais por ela, mais ajuda dela do que do meu pai ou do resto da família, era muito força dela. Até eu escrevi uma crônica uma vez, porque tinha um episódio que era muito cruel na minha cabeça, que é: “Por que diabos minha mãe não tinha chorado quando eu saí?” Porra, rodoviária, indo embora ali com 16 anos, toda mãe dá pelo menos uma

Cinthia e Pedro, os produtores da entrevista, formaram dupla bem antes do dia da escolha dos nomes e, sem saber, os dois indicaram, na ocasião, o nome de Xico Sá.

A produção foi em busca de adquirir alguns dos livros de Xico, porém não encontrou após procurar em várias livrarias. Quando estavam quase pedindo pela internet, acabaram descobrindo que uma livraria a 100 metros da UFC tinha três dos livros do entrevistado.

Ao pedir os dados da cidade natal e nascimento de Xico, descobriu-se uma grande coincidência. Ele e outra entrevistada da mesma edição, Thina Rodrigues, tinham os primeiros dois nomes iguais, haviam nascido no mesmo ano, no mesmo mês e no sul do Ceará.

choradinha ali na hora que o homem parte (*fala entre risos*). E minha mãe, naquela dureza dela cara, não chorou. Tempos depois, voltando pra Juazeiro, eu meio que (*fui*) tirar a limpo aquela história num almoço lá de fim de ano, eu perguntei, ela disse "Ah, se eu fosse chorar, do jeito que vocês são *cabra frouxo (ri)* nenhum ia embora, ficava. Então, eu chorei em casa, voltei pra casa e chorei feito uma louca. Mas ali não, senão vocês não iam embora". Os homens lá de casa são mais chorões do que as mulheres, as mulheres são mais fortes nesse sentido. Então, ela sabia com quem *tava* lidando ali, e, dura feito a porra... É, a gente trocava correspondência e uma frase que ela dizia sempre, que essa frase acho que *tá* até no *Big Jato*, que é: "Meu filho, aguente, porque saudade não bota feijão no fogo". Não vem com essa historinha de "ah, não sei quê, aqui *tá* ruim, barará..." Ela foi muito importante, importantíssima nesse sentido, sabe?

Cinthia – E partiu dela também o esforço pra você ir estudar. Porque você estudava numa cidadezinha próxima ali...

Xico – Sim, todo esforço de educação lá em casa... Acabou só eu estudando...

(*Hugo chega atrasado, Xico interrompe a fala o cumprimenta*)

Mas todo esforço era dela. O meu pai tinha uma bodega, pequeno comércio, e, quando tinha inverno, uma rocinha ali qualquer. Pelo meu pai, a gente tinha ficado mais nessa história, repetindo muito a trajetória dele, mas minha mãe não, era sempre consciência total e ela fez até o segundo ano primário, ela não estudou. Então, por isso mesmo, ela fazia questão. Os outros foram pra São Paulo, trabalharam lá, voltaram, também foram pro comércio, pra outras coisas. Só eu acabei indo até a faculdade, depois é que minhas irmãs estudaram e também fizeram faculdade, duas das três irmãs. Mas, no início, só eu que parti mesmo pra estudar,

"Ah, foi um sofrimento medonho pra eu perder a "matutice", eu era extremamente tímido também, aquele menino que chegava visita e se escondia em casa".

A caminho da pré-entrevista feita com Tiago Santana, a produção percebeu que o celular a ser usado como gravador estava sem bateria. Para não perder o horário marcado, tiveram de desviar o caminho para comprar um carregador antes de chegar ao escritório de Tiago.

determinado, etc. Mas tudo era ela, se não fosse ela a gente tinha ficado lá repetindo a mesma história.

Camila – Qual é o maior reflexo do Nordeste, da vivência que você teve aqui, na sua personalidade até hoje?

Xico – É tudo, né? No que eu falo, no sotaque quase intacto. Na forma como me veem, tudo que eu faço, principalmente coisa de televisão, todo mundo me vê, entre aspas, como um representante da região. Em qualquer bancada lá (no Sul e Sudeste) eu sou o cara do Nordeste, o cara que veio daqui. Meu vocabulário, o repertório todo, as expressões, acho que (*tudo*) *tá* vivíssimo nisso. E eu acabei, acho, que reforçando por conta de me veem tanto assim, que eu acho que acabej reforçando naturalmente isso.

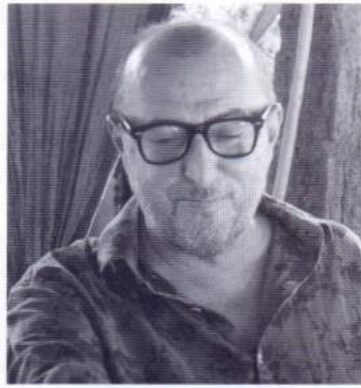
Aí, sim, já é sem a vergonha nenhuma que tinha quando eu cheguei no Recife. Já é o contrário, eu procuro ser o máximo de enxerido possível...

Chloé (*interrompendo*) – Caricato?

Xico – Não, e mostrar que você pode ser de qualquer lugar. Não, não precisa daquela coisa que tinha muito nas emissoras de tevê do Sudeste, continua tendo acho que nos telejornais, mas em qualquer programa normal não tem, nas novelas tiraram um pouco, que é de pegar uma fonoaudióloga, né isso? E treinar pra você ficar com aquela fala padrão da televisão, do Sudeste, na verdade. E comigo nunca aconteceu isso, faço é deixar o mais explícito possível, não tenho medo inclusive de algumas horas ser incompreendido com algumas expressões que são totalmente daqui. Mas acho que desperta a curiosidade, eles vão saber o que é aquilo, tem alguns momentos que eu nem me forço tanto de *tá* traduzindo pro público maior, pro Sudeste, uma expressão daqui.

Naiana – Xico, o hábito da leitura é uma coisa incomum na sua família, em relação à família mais próxima. Você era admirado, de alguma forma isso suscitava uma observação diferente da sua personalidade por você ter aderido a esse hábito?

Xico – Sim, sim. Pelo bem e pelo mal. Porque também o cara que, se naquele tempo, ficava com um livro o tempo inteiro, se recusava, se escondia pra (não) ir pra roça, pra não sei o quê, pras atividades normais da gente morando ali no sítio, é visto com muita estranheza também. É meio "ah, o doido" porque o cara *tá* meio lesado, as pessoas falam uma coisa e você *tá* dentro do universo do livro, então tem os dois lados, é meio excêntrico de alguma forma. Mas tudo isso foi um professor meu, esse hábito (*da leitura*) foi um professor meu chamado Geraldo Bilé, lá de Santana do Cariri (*município cearense na mesma região do Cariri*), desse sítio, que



Ainda na pré-entrevista feita com o fotógrafo e amigo de Xico Tiago Santana, a produção foi surpreendida com dois livros, dados por Tiago. Patativa do Assaré - O Ser-tão dentro de mim e Nova Geografia da Fome. Xico tem participação nos dois.

ele começou a me dar livro e eu nunca mais parei. Eu não cresci num ambiente de livro, lá em casa tinha o livro didático, mas nunca teve um livro. Não tinha aquela visão do livro, a estante... Meu pai fez até o terceiro ano primário, minha mãe fez até o segundo, e eram daquele universo rural, simples por inteiro, ali do Interior. E esse professor foi o que me fez um leitor.

Pedro – Tenho uma pergunta sobre esse professor. Você disse numa entrevista que ele lhe deu o livro *Frutos da Terra* (André Gide), e você não entendeu muito bem, você tinha seis anos de idade... E eu queria perguntar se você lembra do primeiro livro que você teve um entendimento, teve prazer na leitura.

Xico – Foi Monteiro Lobato. Eu lembro, até, era uma daquelas coleções, era um episódio dividido em vários livros. Era *A chave do tamanho*. Lembra desse aí? *A chave do tamanho* foi quando eu: “Opa! Esse aqui...” Mas o maior impacto foi Graciliano Ramos, o primeiro livro de impacto mesmo foi *Vida Secas, Angústia*. Foi quando eu fiquei pensando, “pô, quero fazer isso, quero fazer uma coisa parecida com isso”, porque era, além de bem escrito pra cacete, uma temática dali do meu terreiro, da frente de casa. Então isso foi um impacto muito grande.

Monteiro Lobato (foi um) impacto daquela viagem, da aventura, dos personagens, do entendimento da primeira vez que eu tava entrando numa história, tava entrando e não ia ter mais volta. Mas Graciliano Ramos foi de impacto mesmo de dizer: “Não, vou ver se eu persigo alguma coisa desse universo dele.” Procurei saber tudo dele, li tudo, todos os livros dele, tava consolidado mais ou menos o leitor que eu viria a ser.

Camila – E, em que momento você decidiu, pensou em ser escritor, se tornar escritor?

Xico – Eu pensei desde que eu saí de Juazeiro, né? Teve esse momento de Graciliano Ramos, que era 13 (anos de idade) por ali, que eu queria ser escritor, mas, que quando eu vou tomando conhecimento

da vida, passo a saber que, no Brasil, não existia isso de viver de ser escritor. Fui pro jornalismo, já lá no Recife. Isso me tira completamente do prumo, que você passa a trabalhar naquela coisa de redação, enlouquece e vai ficando pra trás o seu escritor. Você vai sabendo também que é uma ficção, é, sei lá, na época, quem vivia de literatura no Brasil acho que era só Jorge Amado, nem o (Érico) Veríssimo vivia ainda, nem o João Ubaldo, era pura utopia. Você toma pé dessa realidade e... Virei jornalista mesmo, pra valer, mas sempre querendo tentar fazer o paralelo, que é um caminho muito natural, é uma tradição brasileira o escritor jornalista, né?

Lívia – Voltando à infância no Cariri, qual é a lembrança mais marcante que você tem da infância passada lá?

Xico – Eram as chuvas. A maior lembrança ainda é chuva, a festa era chuva, aquela puta chuva, saía todo mundo correndo (fala entre risos) no mundo, era uma felicidade maluca.

Lívia – Alguma em especial o marcou, alguma chuva em especial, algum dia específico?

Xico – Nesse período do livro (referindo-se ao romance *Big Jato*) teve uma cheia, tá no livro inclusive, que foi muito impressionante, que todos os açudes da região sangraram, todos, todos. *Nêgo* gritava: “Ah, sangrou hoje o Açude da Telha, sangrou o Penedo”, os caras ficavam naquela coisa e a gente

“Os homens lá de casa são mais chorões do que as mulheres, as mulheres são mais fortes nesse sentido. Então, ela sabia com quem tava lidando ali”.

Durante a pré-entrevista, Tiago Santana tentou ligar para Xico Sá, já que só havíamos nos comunicado com ele por e-mail, mas ele não atendeu. Mesmo assim, Tiago cedeu o telefone dele e a produção pôde entrar em contato depois.

Na saída da pré-entrevista com Tiago Santana, ele pediu a um amigo que estava no escritório para definir Xico Sá em uma frase. A resposta dele, já com o gravador desligado, acabou sendo mote para uma das perguntas da entrevista.

correndo pra todos esses açudes (*pra*) tomar banho em todos eles, e uma festa sem limite... Mas a chuva é a grande memória, é tanto que eu amo chuva até hoje por conta disso, nunca consigo não gostar de chuva, mesmo quando é aquela bagaceira toda com algum estrago, gosto muito de chuva.

Pedro – Xico, na sua crônica *Bença, Mãe* você mencionou o livro *Angústia*, do Graciliano Ramos.

Xico (*interrompendo*) – É, que é o que eu vou com ele pro Recife, na mala.

Pedro – Você *tava* falando agora, disse que foi um dos motivos da sua vontade de conhecer a vida. Como é que esse livro causou isso e, de uma forma geral, de onde é que veio esse sentimento de conhecer o mundo?

Xico – A coisa do conhecimento do mundo veio um pouco anterior a esse livro, veio muito do rádio também, eu ouvia muito rádio, eu tinha um caderno onde eu anotava as emissoras que eu conseguia captar. Ouvia, na primeira fase, aqueles rádios gigantes que tinham até quatro, cinco faixas,

Xico – Eu só queria escrever, não tinha a menor ideia. Até porque, até mesmo essa persona é muito recente, até porque no jornalismo a redação foi tomando conta e só quando eu consegui passar a trabalhar em casa, depois de uma batalha sem fim, é que forma um pouco a persona, que às vezes é até caricata, às vezes dá um trabalho da porra, tem de manter um personagem, não é só a escrita. Mas eu acho que é muito em torno de uma literatura que eu passei a gostar muito, depois que passou essa fase toda de formação, (*de*) Graciliano Ramos, depois eu gostei muito já de escritores de aventura, Jack London, gostei desse mundo todo, quando eu entro numa fase mais de leitor de Henry Miller, dos caras que escreviam muito o que eles chamavam de vida experimental ou arte experimental. Eles viviam muito colado no que escreviam, eles eram o próprio personagem dos enredos.

Aquela trilogia, *Sexus, Plexus, Nexus*, do Henry Miller, ele se coloca o tempo inteiro no livro. Essa persona é muito daí, de escrever meio o que vive, de ser meio personagem de

“O cara que, se naquele tempo, ficava com um livro o tempo inteiro, se recusava, se escondia pra (não) ir pra roça, pra não sei o quê, pras atividades normais da gente morando ali no sítio, é visto com muita estranheza também”.

eu ficava ouvindo tentando sintonizar tudo que era emissora, daqui e de fora. A *BBC* (*de Londres*), a *Voz da América* (*dos Estados Unidos*) e uma emissora russa também, todas elas tinham programa com a América Latina, em português ou em espanhol, eu ficava maluco ouvindo tudo e anotava e, no outro dia, voltava a procurar as emissoras; tinham programas que eu já passava a ouvir com frequência. A coisa do mundo foi o rádio primeiramente.

Pedro – E o livro em si?

Xico – Ah, o livro já era mais direcionado pra sair com um sentido. O *Angústia* tem um ambiente jornalístico no enredo, tem um jornalista, inclusive um jornalista muito filho da puta... O livro trouxe esse ambiente, que se passava em Maceió (*capital de Alagoas*), mas era uma coisa cosmopolita de redação de jornal, era uma rotina de redação de jornal. O livro foi já mais específico, já direcionado pro mundo que eu já ia entrar.

Naiana – Quando você imaginava, sonhava ser escritor, você imaginava a persona do escritor ou você só queria escrever?

si mesmo, de escrever sobre boemia e ser mesmo um cara que *tá* naquela viagem ao fim da noite, da boemia. Mas não tinha intenção nenhuma, foi muito depois dessas leituras. E eu acho que depois você vai pegando uma certa corda, não é que tu passes a te admirar por isso, mas essa exposição vai sendo muito associada ao que tu escreves, sabe... Ah, o cara do bar... E já que eu gosto mesmo (*fala entre risos*), tem uma imagem a minha escrita, tem esse personagem por trás do que eu escrevo. Mas não era deliberado, no começo eu queria escrever sozinho, isolado, com aquela velha imagem do escritor guardado, que não aparece.

Livia – Um tema recorrente das suas crônicas é observar as mulheres, o universo feminino. Quando você despertou para esse tema? Foi ainda na adolescência, no Cariri... Em que momento isso aconteceu?

Xico – Não, acho que foi muito depois. Acho que o tema... Tem uma coisa que eu fiz ainda no Cariri, e mesmo quando *tava* no Recife eu mandava uns textos, que tinha um programa de rádio de um vizinho meu, o programa chamava *Temas de amor*. Era um

Durante o processo de pedido de passagem e hospedagem para Xico Sá, o primeiro ofício emitido foi extraviado. Outro teve de ser feito às pressas, um mês depois, e a confirmação só chegou à mesma semana do dia marcado para a entrevista. Ufa!

cara chamado Gevan Siqueira, que hoje ele é até seresteiro... A última vez que eu soube era que ele tava morando em Fortaleza. E eu escrevia, não conhecia nem uma mulher direito, sabia nem o que era uma mulher, 15, 16 anos, pô (*fala sorrindo*), nada, não tinha o menor conhecimento do que era esse ser e eu já escrevia os poemas; as pessoas escreviam pedindo conselhos sentimentais E ele (*Gevan*) me mandava os temas, sei lá "marido vai pra São Paulo e abandona mulher no Cariri", era uma coisa assim. Eu escrevia um poema ou um textinho e ele (*Gevan*) colocava uma música adequada à situação, oferecia à mulher pra dar um conforto (*fala sorrindo*) qualquer naquele sofrimento; é a primeira experiência que eu trato do tema e nunca mais eu larguei. Com essa devoção e tal, eu acho que foi mais resultado de leitura, de muito Paulo Mendes Campos, Vinicius de Moraes, dos caras que têm esse lirismo, esse lirismo devotado à mulher.

Camila – E da sua vivência pessoal, houve alguma lembrança, alguma moça específica que te despertou a admiração? Não só a influência, mas você, de vivência e experiência.

Xico – Como? Despertou pra o que eu escrevo?

Camila – É, a admiração das mulheres, e isso se tornar um tema recorrente na sua escrita...

Xico – É... Acabei inclusive tendo namoradas a partir de textos que eu escrevi. Então, passava... Sem ser intencional, o texto era um objeto de sedução em certo sentido, de pessoas que admiravam o texto e depois passaram a me admirar, etc, até a casa cair (*risos*). Mas essa minha crônica mais lírica já me rendeu belas histórias de amor. Boas histórias mesmo, maravilhoso, incrível... Muitas eu devo muito ao que eu escrevo.

Cinthia – Xico, você já fez alguns comentários sobre a sua mudança pra Recife... Sua vida tomou outro fôlego, né? Mas, nesse processo, você ainda sofreu muito com saudade de casa, com saudade da dinâmica daquela vida de casa ainda?

Xico – Sim, eu demorei (*a*) desligar, por isso esse temor da minha mãe que eu enfraquecesse e voltasse. No primeiro momento que eu saí (*é*) aquela fase que você *tá* muito descobrindo o mundo, que começa a fortalecer os laços de amizade. Demorou, sei lá, um ano. (*No*) segundo ano era o contrário, eu *tava* tão tomado pela cidade do Recife, por uma boemia literária que tinha lá... Um dos primeiros trabalhos lá foi numa livraria, na maior livraria lá, aquela livraria chamada *Livro 7*, livraria gigante... Era mais acesso a livro, era mais acesso a conhecimento, mais conversa que eu não tinha, tinha pouca no



Cariri sobre literatura, não tinha com a fartura que eu passei a ter no Recife. Com um ano e pouco ficou muito consolidado que eu era de lá pra frente. Por conta desse laço, do acesso às coisas, acesso à informação, a livros, etc, a discos, eu gostava muito de música na época e, pô, pra comprar um disco no Cariri... No Recife já era difícil comprar, sei lá, um Rolling Stones da vida, imagina no Cariri! Praticamente você ficava entregue à música do rádio. Então, nessa descoberta toda, é que me firma lá e de lá pra não voltar.

Cinthia – Mas você volta todos os anos, você passa o Natal com a sua mãe. E como é esse retorno às origens, o lugar ainda causa alguns impactos?

Xico – Causa. No começo era muito estranho. Nas primeiras idas, o fato de eu *tá* totalmente diferente, já com outra loucura na cabeça, *tá* muito separado emocionalmente do lugar, era um pouco angustiante a volta. Logo depois, quando eu me firmo mesmo no Recife, já começo a namorar lá, começo a apaixonar pela cidade, pelas coisas, era estranha a vinda porque eu ficava comparando os dois mundos, meu mundo, o que eu mudei, etc, tinha uma certa angústia.

Agora não, já de um bom tempo eu vou e sempre me assusto com uma coisa, o Cariri tem aquela riqueza... Eu passei a ver muito melhor o Cariri, ficou um olhar um pouco estrangeiro, de quem não *tá* lá no dia a dia, mas passei a descobrir coisas que quem *tá* lá, amigo meu que *tá* lá não presta atenção porque *tá* com o olho banalizado. Vou ali pro mercado, vou ali pro centrão, pra aquela confusão lá deromeiro, acabo vendo uma coisa que *nêgo* já passa batido. Acho que a partir do período que eu *tava* escrevendo o

Os servidores da UFC estavam de greve e o departamento que cuida das passagens aéreas estava com poucos funcionários em turnos e horários instáveis, o que causou dificuldades extras no pedido do voo do entrevistado.

Mesmo após a confirmação da passagem, já na semana da entrevista, Xico não encontrou o e-mail enviado pela UFC. A produção precisou entrar em contato pelo telefone pessoal da servidora responsável, para receber o e-mail e encaminhá-lo ao entrevistado.

Enquanto a turma estava aflita com a falta de confirmação da entrevista por conta dos atrasos burocráticos, a dupla da produção, Cinthia e Pedro, demonstrava maior tranquilidade, para desespero dos demais!

“A maior lembrança ainda é chuva, a festa era chuva, aquela *puta* chuva, saía todo mundo correndo no mundo, era uma felicidade maluca”.

livro, que eu ia mais, até pra... Não era pra fazer uma apuração, de entrevistar ninguém, mas era pra sentir os lugares que eram citados no livro, o próprio ritmo da fala, essa pesquisa, a partir disso eu passei a ver com muito mais riqueza, explorar mais coisa de lá.

Pedro – Agora nós vamos entrar na parte mais da sua carreira jornalística. No começo nós queremos só alguns detalhes de como é que foi e depois entrar em questões mais específicas. Como é que foi a sua trajetória antes de ser repórter mesmo de jornal, na fundação do semanário *O Príncipe* que você fez com seus amigos?

Xico – Sei, sei, sei, foi uma bela experiencial! Era um cara que tinha uma assessoria de imprensa sindical, prestava assessoria de imprensa aos sindicatos e um pouco aos candidatos de esquerda no Recife na época; isso falando antes da redemocratização, antes de 1989, antes da primeira eleição, começo dos anos 80, antes da primeira eleição pra presidente, ainda na ditadura (1964-1985). E esse cara tinha uma grana, tinha uma estrutura dessa assessoria e queria fazer um jornal pra jovens, feito por jovens para jovens. Era um jornal que tinha distribuição gratuita na porta das universidades e de colégios, dava muita merda em colégios católicos, porque a gente escrevia... Sei lá, a gente *tava* começando a ler (Charles) Bukowski (*escritor alemão, 1920-1994*), ler esses escritores mais libertários, então a gente fazia aquelas imitações toscas e acabava sempre uma madre superiora proibindo o jornal de circular nos colégios por conta do teor. O jornal começou era uma folha só, A4, dos dois lados, impresso, tinha um pouco de política porque o cara era muito de formação política, mas era mais arte e cultura do Recife. Tinha umas graças, tinha um horóscopo que a gente fazia meio maluco, tinha resenha de livro, resenha de música, mas feito de jovem pra jovem e

chegou a alcançar uma tiragem maior do que os jornais do Recife na época, do que o *Jornal do Commercio* e o *Diário de Pernambuco*. (Esses jornais) estavam meio em baixa e, como era um jornalzinho pequeno, o cara conseguia fazer tiragens absurdas, 30 mil, 25 mil. Era semanário e foi a minha primeira experiência de comunicar em massa mesmo, de comunicador de massa escrevendo pra uma coisa que era muito lida aí pela estudantada, que tinha um retorno gigante, fazia promoções de ingresso pra show ou sorteio de livro; a redação vivia lotada de jovens, era uma coisa muito quente, foi uma bela experiência!

Pedro – Depois você chegou a ser repórter de esporte. Era uma vontade sua ou foi por acaso?

Xico – Ah, eu gostava muito de futebol, mas era o emprego que tinha. Na época, era comum você ter duas editorias pra começar, esporte futebol, predominava futebol, ou polícia. Os jornais faziam pouca separação, não era o que hoje se chama de editoria geral, que reúne cidades com violência, com tudo junto ali. Polícia era uma editoria, normalmente uma editoria grande, né? Uma editoria que era uma bela escola pra se começar, porque você pegava aquela bagaceira da delegacia, apurar aquela loucura da violência urbana mesmo...

Hugo – Mas, o despertar do seu interesse por futebol foi só no Recife ou...

Xico (*interrompendo*) – Não, não, já vinha, já vinha... Eu era fanático já. Eu fazia uma loteria lá em casa, pegava os volantes da loteria esportiva e fazia uma loteria de quem fizesse mais pontos, de ter cem apostadores e eu ficava com a comissão. Um dia ia ter um futuro (*fala rindo*), mas acho que a leitura me tirou de ser um empresário do ramo dos jogos (*ri*), mas eu já era louco por futebol.

Pedro – Qual foi a sensação de começar a cobrir os jogos, isso mudou a sua relação com o futebol?

Xico – Mudou, mas tem também um certo desencanto, eu fiquei sabendo como funcionava o mundo dos cartolas, eu cobri muito os três times de lá (*do Recife, Náutico, Santa Cruz e Sport*). Você começava a entrar um pouco no drama dos clubes, na história do dia a dia... Foi o primeiro desencanto em relação ao mundo do futebol. No tempo, eu lembro que tinha muito escândalo da loteria esportiva, máfia de loteria esportiva pra adulterar o resultado dos jogos. Mas era genial *tá* com uma coisa que eu acompanhava a vida inteira, *tá* de repente como repórter na beira do campo cobrindo o dia a dia dos clubes foi uma coisa (*um dos bichos do local da entrevista, o bar Toca do Plácido, emite um barulho alto pegando todos de surpresa*

Há duas semanas da entrevista, a produção fez a primeira ligação para Xico, com número cedido por Tiago Santana. Ele atendeu sem demora e foi simpático com a confirmação do encontro.



A ligação ao celular de Xico Sá só foi possível graças a boa vontade do membro da turma e entrevistador desta edição, Hugo Cardim, que tinha um chip da mesma operadora de Xico.

e Xico dá uma gargalhada. A turma ri), foi um momento bom.

Cinthia (comentando) – Querem participar também (risos).

Xico (sorrindo) – Muito bom.

Camila – Que tipo de jornalista você desejava ser quando você iniciou o curso lá no Recife? E hoje, você se sente realizado como jornalista?

Xico – Eu não sabia direito o que queria ser, acho que no início eu queria ser, por conta da minha ligação com a literatura, eu queria ser um jornalista da área cultural, é... Graças a Deus não fui, porque... Isso no começo, porque eu acho que não é bom começar por uma coisa *light*, resenhar livro, escrever sobre uma peça, isso é nada no jornalismo. E era o que eu queria porque minha ligação... Não tô menosprezando quem faz esse tipo de coisa não. Era tudo que eu queria porque eu gostava era de livro, de cinema, de teatro, gostava de artes, mas, se eu tivesse começado por aí, eu não ia saber o que era um jornal, a bagaceira de pegar uma delegacia duas horas da manhã pra apurar um crime, ouvir o delegado, tinha muita tortura ainda, ainda continua tendo nas delegacias, mas era bem dentro da ditadura. Acabou sendo um ambiente muito rico nesse sentido, embora fosse um fim de mundo e ninguém quisesse começar espontaneamente por essa área. Mas fazer polícia e futebol foi muito mais escola do que se eu tivesse, imagina, sendo mimado. O cara dizer assim: "Não, ele gosta de ler, vamos dar aqui esse cantinho, ele vai escrever todo domingo uma resenha sobre literatura etc". Eu não teria pegado no tranco mesmo do que é ser repórter. Sem preconceito... Pra começar... Primeiro que não tem como recusar qualquer trabalho, mas essas áreas, pegar uma coisa pra você desenvolver apuração, você desenvolver a contrariedade, o ambiente etc, isso é muito mais importante do que você logo de cara pegar, ficar fazendo só resenha de filme ou de livro, né?

Monique – Xico, qual foi o ensinamento que o seu primeiro trabalho jornalístico

deixou?

Xico – Ah, foi ainda no Recife, nesse universo das delegacias, esse universo policial, de violência. Ah, primeiro que acaba com sua visão cor de rosa do mundo, vai embora em meia hora na delegacia, que você ouve grito de tortura, porrada. No tempo, tinha uma coisa muito escrota, mas era muito comum o repórter policial, o cara que vivia ali direto naquelas delegacias, era quase um policial, ele entrava e só faltava bater nos caras. Era como um pouco fazem hoje esses programas de televisão, de violência, eles dão uma humilhada vez por outra nos caras; nesse tempo se chegava a ter porrada mesmo, os caras da velha guarda do jornalismo se confundiam com polícia mesmo. Então isso foi uma grande lição inicial de: "Olha, te prepara que o mundo aqui é punk".

Chloé – Você se considera um cara boêmio, né? Como era trabalhar nesses assuntos tão sérios, até no caso PC Farias, por exemplo (escândalo de corrupção no governo do presidente Collor de Mello, 1990-1992, que terminou com a renúncia do Presidente), sendo, tendo essa característica da boemia?

Xico – Boa pergunta, deixa eu só terminar de responder, porque acho que eu não respondi... Eu não sabia o que eu queria, não tinha um rumo traçado. Tinha um rumo traçado pra maldição da literatura, se eu fosse escritor eu sabia o que eu ia escrever, se eu pudesse ter sido escritor logo de cara eu sabia que mundo eu ia trilhar, porque, a partir das minhas leituras, do que eu fazia, tinha um rumo. Mas (no) jornalismo eu fui pegando o que foi aparecendo pela frente. Depois fui pra política, comecei a ter um destaque, de certa forma foi tirando, roubando tudo da literatura ou da minha ambição de ser escritor, foi engolindo. (Daqui a) pouco eu me vi tanto tempo depois no meio de uma redação da *Folha* (de São Paulo) fazendo investigação política, que entra esse caso PC (Xico foi o jornalista a dar o furo de onde Paulo César Farias estava.

Quase toda a mediação com Xico Sá foi feita pelo Pedro por e-mail, o que deixou Cinthia um pouco apreensiva e enciumada – "tu pelo menos mencionou meu nome alguma vez?! – disse.

A produção chegou ao aeroporto atrasada devido ao trânsito e com medo de que Xico Sá já tivesse desembarcado, por sorte, o voo dele atrasou por 20 minutos.

Na época, o ex-tesoureiro da campanha de Fernando Collor era procurado por esquema de corrupção). E o que você queria ser? E a parte literária? Então eu não tinha um rumo, nunca tive um rumo, é tanto que hoje virou uma coisa totalmente mais multimídia, mais bagaceira, nem eu sei que diabo é que sou direito. Faço coisa de televisão, faço coisa de futebol, faço crônica de relacionamento e programas comentando sexo, amor, seja o que for. Nunca teve, foi muito uma coisa meio lado bom de ser esquizofrênico, é uma coisa esquizofrênica, *shuuuu*, vai fazendo e vai.

Agora é que pode ter uma coisa mais ou menos definida, sou cronista, só escrevo praticamente crônica, muito raramente alguma reportagem porque me dá saudade às vezes de escrever, mas eu sou um cronista, tenho dois assuntos que prevalecem, a crônica esportiva que eu faço na *Folha* de sábado e essa crônica lírica, de relacionamento, homem, mulher, etc. Hoje afunilou entre esses dois eixos. As coisas que eu faço em tevê são a partir dos dois assuntos também, esses dois assuntos da crônica. Hoje tem mais ou menos uma plataforma definida, mas nunca foi estudado, não tinha rumo, não tinha nada.

Chloé – Não sei se eu vou conseguir fazer da mesma forma...

Xico – Não, eu lembro ainda assim...

Chloé – Como é que é você ter essa imagem, você se considera um boêmio e tudo, como é que você fazia pra lidar com assuntos mais sérios?

Xico – Primeiro que nesse tempo a redação era mais boemia também, já, *(fala entre risos)* ajudava um pouco. Mas era graças à boemia que eu tive grandes notícias... Nesse caso mesmo, PC Farias, quando eu descobri o paradeiro dele eu *tava* num cabaré lá em Maceió, no Coquetel Drinks e sabia que era frequentado lá pela equipe dele, por parentes. Foi lá que eu descobri que ele *tava* inicialmente na Inglaterra, depois na Tailândia. Assim, nunca chegou a atrapalhar, pode atrapalhar fisicamente, porque você vai ficando velho e não vai aguentando mais o tranco, hoje dá muito tranquilamente pra eu ser boêmio e cronista, mas pra ser repórter, correr atrás de político, *tá* no dia a dia mais pesado de reportagem eu não sei se a boemia permitiria hoje em dia, até por questão física, né? Mas no tempo dava, mais novo e tal! Eu tentei foi tirar proveito de ambientes boêmios pra ter notícia.

Naiana – Sobre o caso PC Farias, quando você deu o furo, houve algum momento em que você percebeu a dimensão daquilo, que poderia interferir na conjuntura nacional e

sentiu o impacto daquilo, isso mexeu com a sua cabeça?

Xico – É, eu fui sentir um tempo depois já, eu *tava* tão no piloto automático atrás dele e a minha missão no jornal era descobrir o paradeiro dele. Nesse tempo, do *(moto)* boy ao diretor do jornal perguntava: “Pô, cadê PC, cadê PC?”, porque, no jornal, eu era quem dava sempre os furos, as entrevistas dele eu sempre conseguia, ou por sorte, por *tá* perto, em Alagoas, conhecia o advogado dele, por ter feito fonte nos arredores dele, então tinha uma obrigação maluca e o cara sumido, eu ficava... Todo dia eu acordava na paranoia de que um jornal ia estar com a cara dele estampada e eu tinha comido mosca nessa história toda. Quando eu descobri, corri, fui pra Londres *(capital da Inglaterra)*, depois fui pra Bangcoc *(capital da Tailândia)*, fiz entrevista com ele já ele preso em Bangcoc. Quando eu volto pro Brasil, fiquei ali umas 48 horas sem dormir, acompanhando até o quartel onde ele ia ficar em Brasília, que era a prisão especial. Quando ele fica lá, eu volto pra São Paulo, eu durmo, quando eu acordo, uns três dias depois, é que eu vi o noticiário correndo tudo em cima disso, tudo a mesma coisa, é que eu me liguei da importância do que eu tinha feito. Porque, imagina, a Polícia Federal toda atrás do cara, todo mundo atrás do cara, a Interpol, não sei o quê e eu descubro num bar, num cabaré *(ri)*.

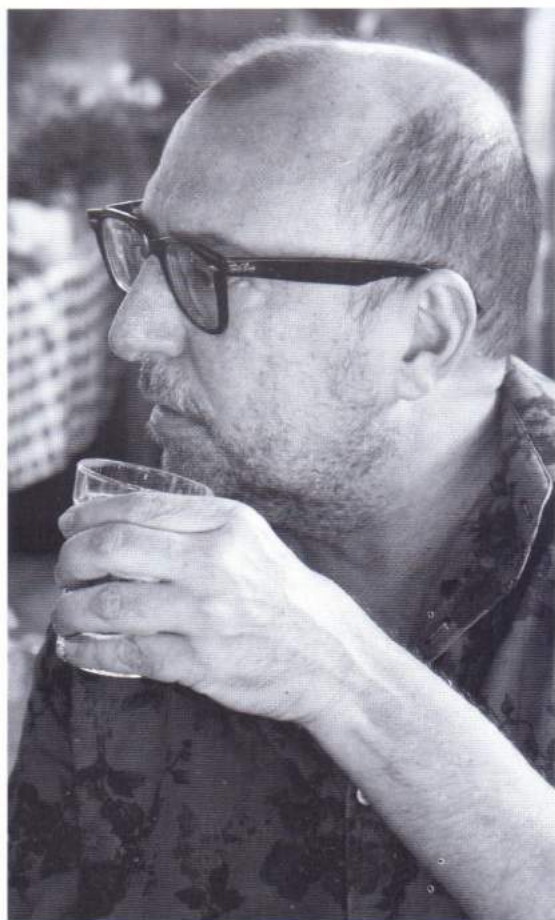
Naiana – Você se sentiu poderoso?

Xico – *(ainda sorrindo)* Não senti por causa da forma. Eu não fui aquele jornalista investigador, digamos daquela imagem que a gente tem do jornalista do cinema, o Humphrey Bogart *(ator norte-americano que se consagrou no papel de investigador particular no filme Relíquia Macabra, de 1941)* com sobretudo, investigando, aquele detetive que a gente viu no cinema. A forma esculhambada *(fala entre risos)* com que eu descobri... O que eu ficava dizendo era assim: “Porra, que polícia é essa?” *(Xico da gargalhada, toda turma ri)*. Entendeu? que perde pra um cachaceiro *(mais risos)*, eu contra não sei quantos. O que é que eles *tavam* fazendo?

Pedro – Mas, Xico, o que é que essa investigação mudou na sua vida e na sua carreira?

Xico – Fudeu de vez o projeto de escritor porque me deram uma importância, dobraram meu salário virei repórter especial da *Folha*, me deram casa, comida, roupa lavada, tudo, me deram logo uma viagem pra Califórnia (EUA), 30 dias na Califórnia porque *tavam* pensando que tinha proposta de outro jornal. Mudou tudo, mas mudou, mas me fudeu. O cara que saiu pra ser escritor nessa hora era um baque fudido. Você começa a ganhar

Xico chegou por volta de 12h30min, os produtores da entrevista o buscaram e o levaram ao hotel, na Beira-mar. Enquanto esperavam, aproveitaram para fazer graça tirando foto e postando no grupo da turma no Facebook: “charlando, desculpa aé”.



“Mas essa minha crônica mais lírica já me rendeu belas histórias de amor. Boas histórias mesmo”.

mais, você tem um *puta* destaque numa coisa que você não sonhou, eu não sonhei, eu não queria ser um *puta* repórter, nunca passou na cabeça. Aí me escravizou pra cacete, eu já tinha plano de cair fora, eu ficava pensando em cair fora assim que acabasse.... *Tava* no processo de impeachment, eu sabia que o (Fernando) Collor ia pro buraco mesmo e eu *tava* pensando ali eu encerrava, eu ia pedir pra ficar trabalhando em casa ou ser colunista, outra coisa. Que acabou acontecendo muito tempo depois por conta dessa porra, o jornal passou a precisar de mim, apostar que eu ia estar sempre botando pra quebrar, porque eles achavam que eu fiz uma apuração monumental, né? E na época eu não contei tanto que foi tão fácil porque se não desvalorizava (*ri*). Mas me escravizou, me deixou do jornal, essa coisa da grana,

essa coisa da importância, todo mundo é vaidoso pra cacete. Não era a vaidade que eu sonhava, eu queria a vaidade de escritor, não a vaidade de repórter. Mas veio e veio de uma forma muito pesada por conta disso tudo e eu tive de ficar. E, covardia do ser humano também, que não permite romper com nada, principalmente sendo homem, porque a minha vontade era que aquilo não tivesse acontecido. Eu ficava dizendo: “Pô, porque você fez essa merda? Agora eu vou...” Eu com a minha covardia toda agora acontece mais isso, mais dinheiro, mais tudo, eu vou... Aí fiquei.

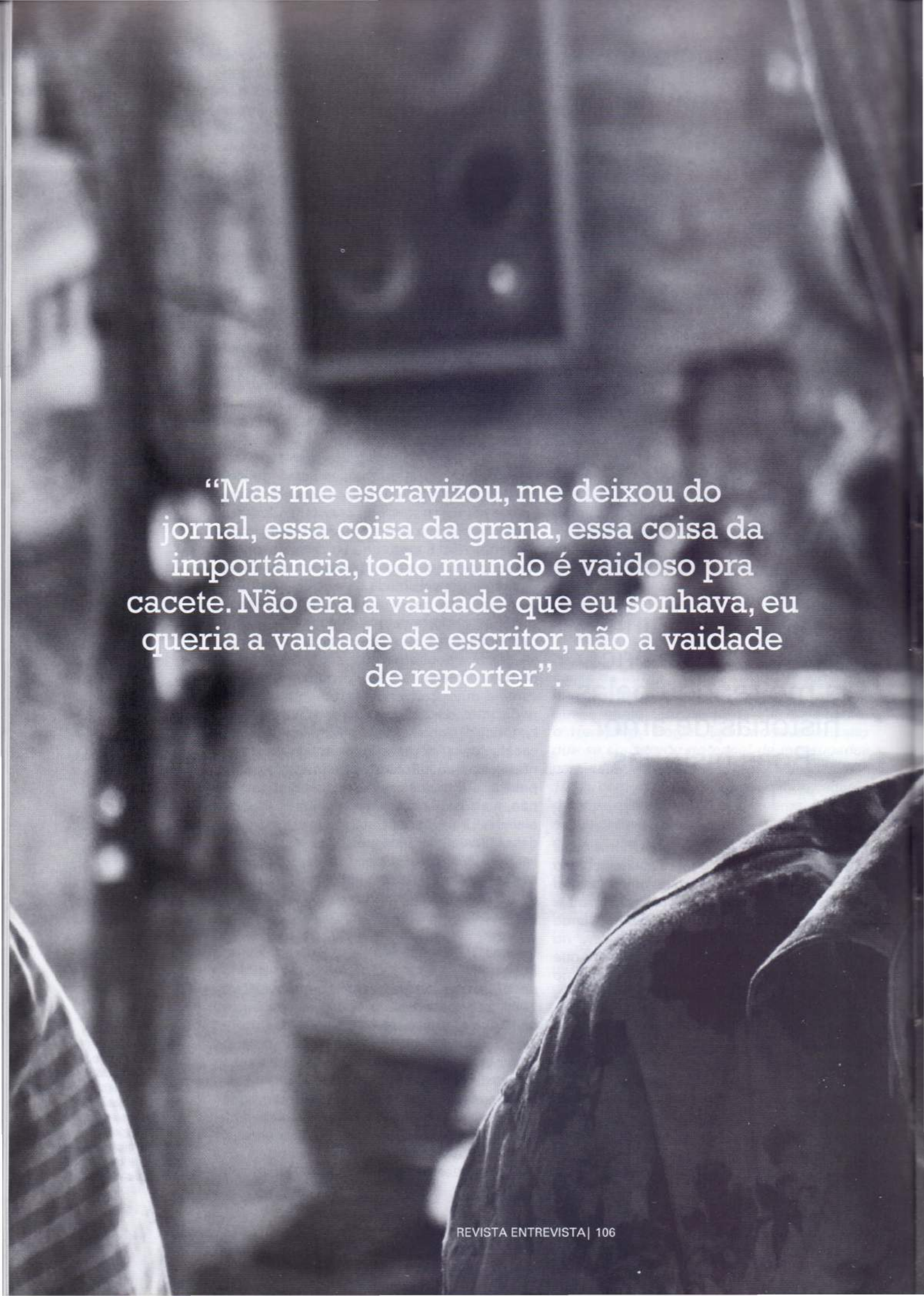
Naiana – Você tem alguns trabalhos além desse que são bastantes ligados à responsabilidade social, como o *Nova Geografia da Fome (Tempo D’imagem, 2004. Xico é co-autor juntamente com o fotógrafo U. Dettmar)*, por exemplo. Como foi esse momento de se sentir tocado por essa responsabilidade social?

Xico – Eu acho que é a origem, o lugar de onde eu vim, e eu me sentia um pouco, quando eu *tava* só em outros assuntos e tal, eu me sentia, assim, que *tava* faltando isso, ter essa pegada mínima até pra dizer de onde é que eu vim. É tanto que eu começo, antes dessa politicada toda da *Folha*, a minha, digamos, especialidade, o que eu era forte no jornal era nessa área social. Fiz várias matérias importantes, eu gostava mais do que política, gostava mesmo. E de política eu gostava pouco porque, sei lá, você tinha de botar terno, *tã* lá no meio daqueles caras e ouvir conversa pra emendar noutro pedacinho de conversa pra construir uma história e tinha uns almoços chatos pra cacete com deputado, com governador, não sei o quê. Então, essa dramaturgia da política era muito chata e essa área (*social*) não, eu gostava, jogava a gravata pra longe e vinha pro Nordeste, vinha pra uma área dessa investigar uma coisa da área social. Isso era o que eu gostava de fazer, e eu fiz mais forte do que política foi essa parte toda.

Eu fiz matérias como o *Homem Guabiru*, falei sobre desnutrição no Nordeste, fiz um *puta* apanhado a partir de dados do (Centro de Estudos e Pesquisas) Instituto Josué de Castro (*Entidade de direito privado sem fins lucrativos, fundada em 1979 por pesquisadores pernambucanos, que tem por objetivo contribuir para a construção e fortalecimento da democracia e da cidadania na perspectiva do acesso aos direitos humanos, através da pesquisa e da intervenção social*). Eu fiz uma matéria que mostrava que, com os anos de estiagem, anos de seca, as pessoas eram menores, cresciam menos, era uma coisa que dá pra você fazer, chutar sem ver, mas eu fiz

O local escolhido para a entrevista foi a “Toca do Plácido”. Xico fez comentários elogiosos logo que chegou, aprovando a irreverência do lugar. A entrevista foi feita na parte interna, um quintal improvisado de bar!

Gentilmente, o dono da Toca do Plácido, Marcelo, cedeu o espaço interno do bar duas horas antes de abrir ao público. Dessa forma, não houve movimentação, conversas paralelas ou intromissões durante a entrevista.



“Mas me escravizou, me deixou do jornal, essa coisa da grana, essa coisa da importância, todo mundo é vaidoso pra cacete. Não era a vaidade que eu sonhava, eu queria a vaidade de escritor, não a vaidade de repórter”.



Além de nove entrevistadores, uma fotógrafa e o professor Ronaldo, dividimos o local e a entrevista, dadas as intervenções sonoras, com alguns galos, galinhas, patos e porquinhos da Índia, habitantes do quintal!

pesquisa acompanhado de estudiosos, nutricionistas, foi uma coisa científica e depois localizando os personagens na roça, no mundo. Isso eu fiz muito, muita história desse tipo. Particpei de coisa de trabalho infantil, prostituição infantil.

Naiana – Issoo afetava, você chegou a sofrer com isso?

Xico – Sim, sim. Uma coisa é você sair com a pauta e dizer: “Ah, vou fazer uma matéria sobre, sei lá, prostituição infantil”, outra coisa é quando você depara, você tá lá no meio da coisa, aí dói pra cacete. Uma matéria que eu lembro mais nesse aspecto de impacto, era uma influência totalmente literária de João Cabral de Melo Neto (*poeta, 1920-1999*), peguei o (*livro*) *Morte e Vida Severina* e fiz mais ou menos o trajeto, mas baseado naqueles versos que ele diz que o homem morre de morte morrida antes dos 30 ou de morte matada não sei quê, não sei quê, não sei quê... Sobre expectativa de vida em região de cana de açúcar, um negócio absurdo, a pessoa começava trabalhar com oito anos, com 35 (*anos*) *tava* velho ou morto, não tinha aposentadoria. Deparar com esses casos era sempre... Mas me instigava a fazer mais, e, aí sim, eu me sentia importante e não na política, não sei porquê. Mesmo sendo importante o furo político, mas não me tocava que era importante, mais do que uma denúncia de corrupção era mais pesado você pegar uma denúncia dessa de região, em que as pessoas são velhas aos 35 anos de idade. Corrupção é escroto também, mas essa coisa de você condenar uma civilização, um lugar a esse destino achava muito mais interessante.

Pedro – Voltando ao *Nova Geografia da Fome*, você conheceu cidades muito miseráveis, completamente esquecidas. Qual é a dificuldade de fazer um trabalho importante assim sobre uma situação tão grave?

Xico – A maior dificuldade é não cair no clichê. Foi ficando muito difícil, a reportagem de miséria no Brasil foi ficando muito aquele clichê de vir o repórter do Sudeste pega aquele clichê do coitadinho. Meu esforço maior foi tentar fugir disso. E teve uns

exemplos no caminho dessa matéria que eu aprendi muito, não só sobre a situação das pessoas, mas do que é mesmo, do que pode ser chamado de miséria e o que não é e a imagem dessa miséria. Eu lembro (*que*) o fotógrafo chegou, viu uma situação fudida na frente de uma casa ainda de taipa e ia fotografar e a mulher disse: “Epa, não, vou banhar meus meninos, botar a roupinha”. E foi do caralho, uma *puta* lição pra gente e pro cara ainda mais, que queria explorar aquilo, urubuzar em cima daquela história. A mulher deu um banho nos meninos, os meninos saíram bonito que só a porra, tudo arrumadinho, sentou, agora sim... Sabe, no meio daquela coisa, podia estar necessidades materiais extremas, mas tinha um orgulho, por que não deixar dar banho nos meninos e botar os meninos? E tem um aspecto muito, a meu ver, forte no livro, que tem muita festa no livro, eu descrevo muita festa, muito forró, que é também de você achar que porque *tá* na miséria lascada não pode se divertir ou não se diverte, não tem esse lado dionisiaco total, e tem! O cara vende uma galinha e vai pra festa celebrar a noite inteira, volta de manhã. Eu procurei, pra fugir um pouco do clichê, colocar esses aspectos dessas situações de pobreza, que não é só uma coisa, não é só uma imagem de coitadinho, tem uma riqueza, é mais subjetivo.

Pedro – Você chegou a ter de lidar com aquele dilema “ou eu faço a reportagem ou eu largo tudo pra ter de ajudar aqui numa situação muito grave, gente que *tava* passando fome”?

Xico – Ah, sim, muitas horas você chegava, *pô*, principalmente... Não foi nem no Nordeste, foi nessa área de Minas (*Gerais*) que é ligada à Sudene (*Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste*), Vale do Jequitinhonha, era uma coisa... Até eu acostumadíssimo à miséria do Nordeste, às situações de pobreza do Nordeste, lá era foda, as casas abandonadas, um negócio de doer mesmo, aí sim, se eu *tava* com um trocado no bolso, aí foda-se o jornalismo, eu ajudava ou a gente já levava; tinha uns lugares que a gente sabia que ia encontrar aqueles meninos chorando, aqueles meninos lascados, já levava uns biscoitos, umas coisas, *pô*, já que ia abusar das pessoas, não custava nada... (*um galo do local canta alto quebrando o clima pesado, todos riem, Xico dá uma gargalhada e depois comenta que o galo aprovou a ajuda dele ao “povo”. O galo canta novamente! Todos riem, mais uma vez.*)

Cláudio – Xico, esses trabalhos mais sociais mudaram o seu olhar quando você voltou pra aquelas reportagens mais sérias,

“Eu passei a ver muito melhor o Cariri, ficou um olhar um pouco estrangeiro, de quem não tá lá no dia a dia”.

Na noite anterior à entrevista, todas as meninas da turma discutiam numa inbox um assunto de suma importância: “O vestido”. A intenção era homenagear Xico Sá compartilhando a admiração do cronista por mulheres que conhecem o poder e o charme dessa peça de roupa.

mais contidas, isso mudou o seu olhar de jornalista?

(O galo "ataca" novamente e, dessa vez, repete a cantoria algumas vezes durante a pergunta e durante a resposta de Xico, que não segura o riso, ao final da resposta).

Xico – Mudou porque eu queria largar de vez essa parte mais política e ficar mais nisso, eu tinha ideia de livros mesmo, livros-reportagem sobre esse tema, pegar um recorte dessas situações, eu *tava* muito voltado pra isso, mas a política de novo engoliu.

Cinthia – Na conversa que a gente teve com o Tiago (*Santana, fotógrafo e amigo de Xico, entrevistado por Cinthia e Pedro, equipe de produção, para compor o material desta entrevista*), ele destacou um trabalho que fez com você que foi uma viagem de caminhão de Juazeiro a São Paulo. Ele disse que foi importante, até pela convivência, que vocês passaram três dias juntos, dormindo juntos... E, pra você, como é que foi esse trabalho, foi também uma coisa de observação?

Xico – Foi e eu *tava* muito nessa fase de querer fazer coisa de rua, de estrada, eu gosto muito desse jornalismo que você se infiltra mesmo. A gente dormia nos postos com os caras, não tinha essa de chegar e ir pra um hotel, comia no lugar que os caras comiam, *tava* dentro do universo dos caminhoneiros, cruzando o Brasil inteiro, as diferenças regionais, a própria prostituição infantil mesmo na estrada, um milhão de aspectos vem com caminhoneiro, né? No caminhoneiro você tem uma editoria inteira. Você tem coisa de economia, que é o cara que *tá* transportando a riqueza do país, você tem denúncia social, você tem aventura, você tem diversão que os caras param e vão atrás das mulheres em algumas cidades, é um mundo, né? Numa viagem dessa dava pra escrever, só nessa dava pra escrever um livro; tem os perigos da estrada, tinha o universo da música brega, música romântica de beira da estrada, numa viagem dessa você tem um livro, dava pra fazer.

Cinthia – Hoje você é um repórter

multimídia. Você *tá* no blog (*da Folha de S. Paulo*), *tá* na tevê, já passou pelo rádio...

Xico – É, *tô* em tudo que é canto (*ri*)

Cinthia (*continuando*) – Como é que é a sua experiência na tevê? O Tiago deu uma informação pra gente de que você não gostava muito de participar de programas de tevê.

Xico – Não, eu odiava no começo... E principalmente quando era programa gravado que era horas e não dava de um jeito, voltava e não sei o quê, eu acostumado a entrar num lugar e pular e ir embora escrever alguma coisa ou ter uma ideia e escrever sozinho. Essa coisa daquela equipe gigante, eu não gostava da ideia da câmera, *ai* quando eu acostumei, quando eu relaxei foi num programa que eu fazia com o Sócrates (*Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, ex-jogador e médico, 1954-2011*) na TV Cultura chamado *Cartão Verde*. Acho que o fato de ser com ele, a gente virou grandes amigos, dava um certo conforto e já de cara ele quebrou essa coisa de televisão, de formalidade, ele fazia muito piada com ele mesmo, com a feiura dele, a gente começou a tirar onda com a gente mesmo, foi quando eu relaxei. Mas eu tenho uma coisa; eu só faço se for dentro da minha temática, tudo que eu faço na televisão é decorrência do cronista, não é uma invenção minha, "ah, eu quero ir", e eu não queria ir, se fosse assim "ah, vai ser só televisão" eu desistia, não me interessa, eu quero continuar escrevendo minhas crônicas e, eventualmente, fazendo coisa de televisão.

Hugo – O trabalho na TV gera uma exposição muito grande da sua imagem. Foi a partir da televisão que você começou a ser conhecido pelo grande público?

Xico – Amplia muito, mas tinha uma coisa que dava muito desgosto. Passei a vida toda escrevendo e chegava num bar e alguém dizia: "Olha o cara do *Saia Justa!*" E eu pensava: "Filho da puta!" Eu não gostava de ser reconhecido por isso. Depois relaxei porque vi que podia juntar as duas coisas e passou a ampliar muito o público dos meus



A homenagem das mulheres da equipe, que compareceram no dia todas de vestido, foi devido a uma citação de Xico tirada de uma de suas crônicas, em que diz: "Nada nos cai tão bem ao desejo quanto um vestido".

Nos primeiros minutos da entrevista ocorreram muitas gargalhadas de Xico e da turma pelo grande barulho dos galos entre uma pergunta e outra.

Além dos bichos, quem mais resolveu se impor na hora da entrevista foi o vizinho do bar, que ligou um paredão de som a tarde inteira. A entrevistada teve trilha sonora para todos os gostos, de Cyndi Lauper à swingueira.

livros. Eu faço questão de dizer na televisão: "Como eu escrevi naquela crônica". Eu me posiciono como o escritor que está ali, senão não me interessa. E ampliou muito o público dos livros. Hoje em dia eu dou muita palestra, viajo muito. É muito por conta da influência da televisão, mas eu brigo ainda o tempo inteiro para afirmar que eu escrevi mais de dez livros, que eu sou romancista, que eu sou cronista. Isso é uma coisa que era ofensiva no começo.

Hugo – E fora essa ofensa ao ego, a fama o atrapalha em alguma coisa?

Xico – Não, porque não é uma fama de ator da *Globo*. É uma coisa ali de... Por exemplo, desse mundo do futebol, de boteco, de homem, tem a macharada toda que diz: "É Xico, e o Ceará?! Fala mais do Ceará", mas é coisa leve. De mulher, mais esse lado do mundo *Amor e Sexo*, *Saia Justa*, das aparições que eu faço nessa outra linha. No *Sportv* mesmo, uma vez por semana eu participo lá do *Redação Sportv*, sempre sou apresentado como escritor. O cara lê um trecho da minha crônica uma vez por semana, e me atende. Atendeu a minha

olhar de lado, estava muito sério o programa por conta da falta dele. Eu não tinha aquela... A gente funcionava como escada um para o outro. Até na linguagem mesmo de televisão era essa tabelinha. Um olhando para o outro. Tinha uma tabela ali, coisa que era fundamental. Tentei fazer um (*programa*) e fiquei num silêncio mortal, e evidentemente tinha um impacto, foi um programa de homenagem a ele. No segundo, eu desisti. Fiz o programa e lá mesmo já avisei que não iria mais ficar, porque não deu mesmo, não dava naquelas circunstâncias. Não era o cara sair do programa para fazer outras coisas. O sentido do programa era eu estar com ele na bancada. E até porque não era só o programa, a gente tinha uma convivência antes e depois do programa, conversávamos os temas, estendíamos madrugada adentro em São Paulo, porque ele era muito como eu, muito boêmio também. Era uma convivência... E só fazer um programa de televisão ali de uma hora não me interessava. Então sai e fiquei sem TV nenhuma um tempo.

Lívia – Na condição de colunista, como você expressa o seu estilo sem ser engolido



vaidade como escritor. Mas era muito chato, cara, você passa a vida toda escrevendo e alguém falar: "Olha o cara do *Saia Justa*!" Vai tomar no cu, né cara? Que mané *Saia Justa*! Mas está resolvido, embora eu não queira ampliar o mundo televisivo. Quero fazer temporadas como faço hoje, e voltar para casa e ler e escrever. Não quero perder... Vai ser uma segunda derrota, a primeiro para o jornalismo político, entre as aspas possíveis, pela televisão me roubando – de novo? – Agora que estou escrevendo o segundo romance, quero tentar escrever melhor, ler mais, ler melhor e ficar ali pelo menos uma hora na rede lendo, fugir desse avexamento todo de redes sociais etc. Se eu me entregar à televisão, nunca mais eu volto.

Naiana – Xico, você disse que começou a se sentir mais à vontade na televisão muito por causa da amizade com o Sócrates. Como o falecimento dele o afetou nesse aspecto? Você saiu do Cartão Verde por causa disso?

Xico – Saí. Eu tentei fazer dois programas depois que ele morreu. No primeiro eu quase não consegui falar, não tinha aquela coisa de

pelas linhas editoriais?

Xico – Eu já fui muito engolido pelas linhas editoriais ao longo da minha carreira como jornalista. E isso de uma certa independência, autonomia e de escrever mais ou que eu quero, às vezes da forma mais abusada, mais solta... Isso você consegue no jornalismo depois de muito tempo. Depois que eu já estava afirmado como uma figura pública, como um cara que lançou livros. Depois que eu tinha esse prestígio na praça que eu consegui essa liberdade. Normalmente é muito difícil, você fica muito escravo dos manuais, da forma. Escrevi a vida inteira na *Folha* aqueles parágrafos ridículos de três linhas, no tempo que não podia ter mais que três linhas, que daria umas seis, sete quando justificasse. Tinha umas coisas de manual que era muita amarra – não pode usar isso, não pode usar essa palavra. Passei muito tempo escravo do manual. O meu forte era a informação, e eu desprezei de vez. Eu tentava pelo menos no jornal de domingo fazer um texto mais com a minha cara, mas muitas vezes não consegui. Até

A nossa colega e entrevistadora, Chloé Leurquin, ainda tentou convencer o dono do som a pelo menos baixar o volume, mas infelizmente ele se recusou. Durante a transcrição da entrevista, porém, o som não atrapalhou tanto, como foi temido.

quando eu deixava lá pronto, parecido mais ou menos com que eu queria escrever, vinha um redator e colocava na caixa da *Folha*, na forma da *Folha*.

Lívia – E fora da questão de manual. Na opinião, teve algum momento que você teve de lidar com esse conflito?

Xico – Teve sim. Era mais livre. A *Folha* foi o jornal mais livre de todos que eu trabalhei. O repórter de política tinha uma autonomia maluca, que hoje não tem mais – nem lá, nem em outro jornal. Eu me lembro de várias vezes derrubar pauta... A direção vinha com um assunto de política “ah, vamos investigar isso, tá rolando isso”, a gente dava dois, três telefonemas e sabia que não *tava* rolando aquilo. Hoje é impossível essa situação. O jornal é mais de teses, tem mais um lado fechado. O repórter vai para a rua para completar uma tese da casa. Isso é mais forte. E, na reportagem política, até meados dos anos 1990, a gente tinha muita autonomia. Não que não acontecesse, acontecia. Tinha alguns personagens, tinha alguns políticos que você precisa provar mais do que tudo, e outros com qualquer coisinha, qualquer provinha, eles publicavam. Outros que eram vetados mesmo, personagens que

Eu ganhava muito bem. No acordo inicial que fiz com a *Folha* eu virei terceirizado, fui trabalhar em casa, fazia umas reportagens e fazia a coluna, mas em matéria de grana foi um negócio... Eu peguei um apartamento pequeno em São Paulo e eu disse: “Nem que eu venda esse apartamento, mas não vou voltar mais para dentro de redação”. E foi isso que garantiu. Eu fiquei um ano ganhando 30% do que eu ganhava. Depois voltei ao mesmo patamar de grana e fazendo o que eu queria, mas demorou. Foi uma transição que eu fiz já sabendo desse sacrifício. Mas foi por eu não ter deixado de ser leitor, se tivesse também entrado naquela loucura e largado os livros não tinha...

Lívia – Xico, numa entrevista que você deu ao *Jornal Rascunho*, na sessão *Gazeta O Povo de Curitiba*, você disse a seguinte frase: “Livro nenhum tem a obrigação de ser bom por inteiro, tem a obrigação de comover em uma linha”. O que o comove em um livro?

Xico – Eu estava me referindo àqueles livros que você nem vai terminar de ler, mas têm duas, três frases que você diz: “Cacete!” Por exemplo, o começo de *O grande Gatsby*, do Fitzgerald (*Scott Fitzgerald, escritor norte-americano, século XX*). É um começo de livro

Encerrada a formalidade da entrevista, Xico entrou na brincadeira de tirar fotos com a galera toda para o arquivo pessoal de cada um. Fizeram até fila!

“O que eu ficava dizendo era assim: “Porra, que polícia é essa?”. Entendeu, que perde pra um cachaceiro”.

era difícil publicar coisas contra eles. Agora, hoje, acho que o repórter tem menos liberdade, principalmente na área de política em qualquer jornal. Pelo que eu tenho conhecimento de amigos que conheço, de editores, a tese da casa vinga mais do que naquele tempo.

Pedro – Você já disse em entrevista que muitos escritores entram na redação por necessidade e depois acabam seguindo essa trajetória toda. Como você conseguiu manter o escritor vivo dentro da redação?

Xico – O jornalismo atrapalhou nessa paulera toda de redação, de plantões, investigações etc. Atrapalhou um pouquinho até a parte do leitor, mas não matou. O que segurou a onda foi eu ser um leitor permanente. Eu nunca deixei de acompanhar a literatura brasileira, de ler as coisas contemporâneas, a literatura de fora. Eu continuei leitor, e isso foi o que salvou, senão tinha esquecido e tinha perdido o tesão e ido para outro canto. O fato de ser leitor, de estar sempre lendo um livro é o que segurou vivo isso. Correu muito o risco... Até mesmo a opção que eu fiz foi muito maluca.

que eu fico lendo e relendo, não precisa nem entrar no livro, mas eu acabei lendo porque gosto muito do estilo dele. Mas é isso, é um parágrafo que o cara escreveu de um jeito que eu digo: “Fudeu”, aí eu fico lendo aquilo e pegando isso em outros livros. A releitura normalmente eu faço mais assim. Para atentar na hora que o cara foi brilhante mesmo... Que é uma frase, uma maneira que ele descreveu um personagem.

Hugo – (*interrompendo*)... É uma estética da escrita?

Xico – É, é o leitor mais de escritor. O observador para se influenciar, para tentar escrever melhor. Não é nem aquela leitura mais prazerosa e fácil que você faz numa rede, vagabundamente. É mais com esse interesse de ler como escritor. Quando eu estou escrevendo, que é uma coisa maior, sempre tem uns livros ali que funcionam como ginástica. Eu pego e leio um trechinho por dia para ver se eu entro ali e pego pelo menos cinco por cento do cara por osmose.

Cláudio – Só voltando um pouco para a questão da redação. O que foi de positivo que você trouxe das redações para a sua

Também teve autógrafa para quem levou os livros do escritor. A tietagem estava só começando!

Depois da entrevista formal, a turma propôs a entrevista esculhambada, bem ao estilo de Xico. A noite seria longa!



escrita?

Xico – Muita coisa, eu digo assim, parece que eu estou mal dizendo, mas é porque estava atrapalhando o que eu queria. Hoje que eu consegui mais ou menos as coisas todas juntas, eu agradeço a muita coisa. Por exemplo, a escrever rápido, a facilidade de apuração de uma coisa. Às vezes um personagem está pobre numa situação, aquilo faz com que eu investigue mais e isso é coisa do repórter. E a velocidade da escrita mesmo, eu produzo muito em um período curto de tempo por conta daquela coisa de chegar à redação faltando 40 minutos e ter de escrever uma página. Isso foi muito importante.

Camila – Existe alguma diferença entre o Xico jornalista e o Xico escritor? E, se sim, qual é a maior?

Xico – Hoje tá uma esculhambação só, tudo misturado, até porque eu fui muito jornalista, muito mais jornalista que escritor, durante a trajetória inteira. Mas só quando eu escrevo ficção que fica bem claro para mim mesmo. Agora nesse romance novo que eu estou escrevendo, fica bem claro o escritor ali. Como a crônica é um gênero meio híbrido entre jornalismo e literatura... Na crônica eu sinto muito as duas coisas. Tem coisa de repórter, de observação, com aquela tentativa de ser um pouco literário – eu sou muito os dois mundos – mas, quando eu escrevo ficção, eu vejo bem separado.

Naiana – Quando você fala nessa coisa de atrapalhar um pouco o seu lado escritor de crônica, significa dizer também que o concretismo do jornalismo, aquela necessidade de objetividade minava um pouco a criatividade da busca pelo abstrato?

Xico – Perfeita a sua análise. Imagina, você tem de escrever objetivo, cumprindo uma regra de um manual que pode palavra, não pode palavra, não podendo viajar nem um segundo. Isso é mortal para um escritor num certo sentido. É tanto que eu comecei a me soltar, a escrever em casa e sem a

amarra da redação e sem nada. Eu me sentia vingando aquela coisa. E, às vezes, eu viajava e ia pra um canto até maluco que era quase a incompreensão. Têm umas crônicas minhas logo depois que eu saí do jornal que são de um delírio maluco. Eu pego hoje e digo: “Que diabo é isso! O que tu queria dizer com isso?!” Um frases barrocas demais, uns períodos gigantes, cheio de uma bagaceira de palavras incompreensíveis, até mesmo para o meu leitor da época. E talvez fosse eu inconscientemente me vingando da amarra do manual, do parágrafo curto, de ser um cara objetivo pra cacete. Acho que devia ser isso.

Camila – Xico, você sente algum preconceito por ser nordestino e estar escrevendo em um grande veículo de comunicação do Sudeste como a *Folha de São Paulo*?

Xico – No começo há aquela coisa de que a gente tem de mostrar mais do que os de lá. Eu acho que na aceitação inicial você tem de trabalhar dobrado, e não estou nem falando do preconceito mais explícito, de haver alguma manifestação ao sotaque, à forma como eu escrevo ou falo ou o fato de eu ser de uma determinada região. Mas, naturalmente, as pessoas têm isso no inconsciente, de você ser nordestino e ter de mostrar duas vezes. Mas São Paulo, eu acho melhor que o Rio ou outro lugar nesse sentido. Em São Paulo, uma vez você mostrando serviço, isso passa a contar muito. É uma cidade muito profissional nesse sentido. Mas, no começo, sim, se um cara faz uma reportagem boa, você tem de fazer duas. Eu sentia que devia ter um esforço maior que o meu colega de lado no começo. Preconceito não é só você chegar na cara e ofender. É um conjunto de frases, de piadas, pequenas manifestações do dia a dia e você sabe que aquilo é um pacote preconceituoso. Quem sofreu com preconceito no Sudeste foi a parte da minha família que foi para trabalhar na construção civil, que foi a maioria. Eu cheguei numa

Praticamente toda a turma permaneceu no bar após a entrevista, inclusive Xico Sá. Entre risos, conversas, cervejas, vodkas e verdades, correram pelo menos mais seis horas desse encontro inesquecível!

situação muito privilegiada, já sai jornalista do Recife, já havia trabalhado em Brasília, já fui para uma redação contratado em São Paulo. É bem diferente da chegada do meu tio que foi para uma linha de montagem lá da *Volkswagen* ou os que foram para a construção civil. Esses, sim, contam histórias de arrepiar.

Lívia – Voltando aos textos poéticos que você escrevia com 15 anos. Essa escolha inicial pelo texto poético foi uma influência dos cordéis?

Xico – Muito do cordel, mas também da poesia popular em geral, de *Patativa*, (do Assaré, 1909-2002), dos cantadores, repentistas. Do meu avô que estava sempre ou contando uma história ou lendo um verso, lendo um cordel. Essa parte poética é toda daí. No *Big Jato* mesmo tem uma hora de prosa um pouco poética – é muita decorrência do cordel, do repente dos violeiros. Em Juazeiro tinha um violeiro em cada esquina. Inclusive tinha programas de rádio com viola há séculos. Hoje em dia tem até na TV. Há séculos Juazeiro mantinha essa tradição de programas no rádio de violeiros recebendo os motes, fazendo ali na hora.

Pedro – Quando a gente estava fazendo a pré-entrevista com o Tiago Santana e estava de saída, chegou um amigo dele e disse: “Define o Xico aí em uma frase”. E ele disse: “O Xico é o bruto mais *cult* que eu conheço”. Então queria perguntar: como você conseguiu sair de rótulos, por exemplo, de machista, misógino, tratando do ponto de vista do macho de raiz do sertão, nesse mundo tão politicamente correto?

Xico – Hoje eu faço até um contraponto. Sou chamado de machista por muito leitor apressado ou então um cara que chega e lê só uma crônica, não lê no sentido de uma narrativa. Ele entra ali de paraquedas, lê uma expressão... Ainda sou bastante acusado de certo machismo e acho que eu tenho ainda muito machismo arraigado. Preciso melhorar uma porrada ainda. Na crônica eu coloco sempre um embate entre o macho jurubeba, que seria o cara ali do Cariri com todos os defeitos de fábrica, o macho que não se permite um cremezinho – é naquela dureza, usa no máximo uma minâncora ali numa espinha mais revoltosa, um pente no bolso com aquele espelhinho, é o cara que fica com aquela capanga minimalista ali com três, quatro coisas... Pedra hume para depois da barba para fechar os poros, jamais um creme pós-barba. Eu brinco muito na crônica com esse cara, que é a minha origem, que é o meu pai, são os meus tios, do universo de onde eu vim com todo o machismo do mundo, com esse lado da delicadeza, de um macho mais sensível, que entende mais a

mulher, tenta uma compreensão maior do dia a dia. Têm esses dois personagens se digladiando e eu acho que sou esses dois personagens, sou esse cara que tenta se livrar do machismo, mas ao mesmo tempo se pega num machismo maluco. Mas eu estou dentro desse embate. Eu sou muito esses dois personagens.

Cinthia – Como as crônicas começaram a chegar a você? Como você percebeu que a sua maneira de observar o mundo e passar isso para uma narrativa era essencialmente de um cronista?

Xico – Consolidado mesmo foi agora no começo dos anos 1990. Eu já fazia no Recife, no futebol já fazia crônica, muito inspirado e quase plagiado de Nelson Rodrigues (*jornalista e escritor brasileiro, 1912-1980*), o que acabou sendo um bom exercício essa influência inicial sem tamanho. A crônica foi por ser um grande leitor de crônica. Eu li toda aquela crônica de jornal que tem origens nos jornais cariocas dos anos 1950 e 1960, de Paulo Mendes Campos, Antônio Maria (*cronista, 1921-1964*), Otto Lara Resende (*jornalista e escritor brasileiro, 1922-1992*), o próprio Nelson Rodrigues, Rubem Braga (*escritor, 1913-1990*). E qualquer escritor no Brasil foi cronista em determinado momento, para ganhar um troco no jornal ele vira cronista. Clarice Lispector foi cronista, Graciliano (*Ramos*) foi muito cronista, todos foram em algum momento, não a vida inteira. O meu caso é que eu me consolidei como cronista. Eu sou um cronista que vai escrever um romance uma vez por outra, um livro de contos, fazer outras coisas – mas me acho e me vejo como cronista. Está consolidado mais ou menos um jeito da minha crônica que foram as leituras desse povo todo, uma influência direta para chegar nisso que eu cheguei, nesse texto que eu faço. A coisa

“Uma coisa é você sair com a pauta e dizer: “Ah, vou fazer uma matéria sobre, sei lá, prostituição infantil, outra coisa é quando você depara, você tá lá no meio da coisa, aí dói pra cacete”.

Entre uma conversa e outra, Xico acabou respondendo a perguntas que não foram feitas na entrevista oficial, por falta de tempo ou pela edição da pauta.

Após a entrevista, na descontração com a turma, Xico confessou que se apaixona muito fácil. E inclusive brincou que estava apaixonado por uma das meninas no momento, causando risada geral.

O amor e os relacionamentos não poderiam deixar de ser tema da conversa que se desenrolou durante a noite; Xico ouviu até confissões. E um dos colegas fez a pergunta "tema" da turma: "Xico, como vai esse coraçãozinho?" – riso geral.

que eu mais gosto é quando alguém pega uma crônica que não está assinada ou que alguém mandou e reconhece ali; "Pô, isso parece coisa que o Xico escreve". Isso para quem escreve é a melhor hora, quando alguém tem esse reconhecimento.

Livia – Xico, você tem como referência o Nelson Rodrigues e o *Graciliano Ramos*. Você se enxerga como referência seja como jornalista, seja como escritor?

Xico – Vez por outra eu vou numa faculdade e os meninos dizem: "Ah, pô, comecei a fazer jornalismo por sua causa", tem esse manifesto dos mais jovens. Eu acho uma *responso* do cão, fico meio com medo do destino do menino nessa parte de redação (*risos*), quando é mais literário, eu acho que é uma coisa que o cara vai se lascar de qualquer jeito, porque literatura no Brasil... Mas quando é jornalístico eu fico: "Porra, esse cara podia não ter sido influenciado de jeito nenhum para não cair nesse mundo". Mas você se envaidece, todos nós nos envaidecemos com esse tipo de coisa. E tem muito em faculdade, de mais jovens. Tem sempre uma porrada de TCCs (*Trabalho de Conclusão de Curso*) sobre as minhas coisas – todo fim de ano atendo a todo mundo bem direitinho, porque eu gosto dessa coisa... Quando eu fiz jornalismo, o curso não tinha acesso a nada, era difícil, o curso da Federal de Pernambuco era muito distante do mercado. Valeu pela parte teórica, era luxuosa, foi do cacete e foi bom, eu tinha muita dívida com esse conhecimento mais teórico de comunicação. Ler Umberto Eco (*Teórico Italiano*). Foi um curso muito forte na parte de Teoria da Comunicação, bom pra cacete, e muito longe de uma redação.

Pedro – Eu queria voltar para outra coisa das suas crônicas. Nelas você cita muito conversas com as suas amigas. Qual a importância dessas amizades femininas para o desvendamento da mulher para você?

Xico – Pô, total! Nessa hora tem muito a pegada de consultor amoroso. Eu sempre fui muito bom conselheiro muito antes de ser cronista desse assunto. Eu sempre estava com duas, três mulheres ali na madrugada... No que eu sou útil nessas conversas com as minhas amigas? – É dizer como funciona a cabeça do homem. Ela diz uma atitude do cara eu digo: "liiii, adeus. Fudeu, não tem esperança". A gente vai conhecendo ao longo do tempo pela nossa desordem, pelos nossos próprios erros. Então o conselho funciona muito nisso. Claro, eu escuto histórias sensacionais e é crônica pronta. Tinha uma coisa até com os amigos homens, coisa de mesa, você escuta uma coisa... E para querer dar crédito e não dizer que era obrigatoriamente meu, eu acabava citando

"Eu acho que sou mais da tragicomédia do que da comédia só. Se eu tivesse a obrigação do humor eu seria um desastre".

o nome da pessoa, que era uma espécie de homenagem, contando que estava em determinado tipo de mesa e fulano disse isso, e o garçom não sei o quê. E passou a ter muita merda. Eu lembro que citei uma frase de um amigo e deu uma merda na casa dele do caralho. Porque era eu ele elogiando uma mulher ou dizendo que tipo de mulher gostava, e não batia nada com a mulher dele (*risos*). Então o cara me liga: "Tira a porra do meu nome aí que *cê* me fudeu! Fala que foi outro, que você se enganou". Fiz esse favor para ele. E eu falei: "Porra, mas é uma homenagem, Joca". E ele: "Não quero mais sua homenagem, por favor. Me trate mal, mas não me venha com suas homenagens que me fodem lá em casa" (*risos*). Então tem essas coisas. Teve agora semana passada, já nos comentários... Uma mulher se declarou para um cara a partir de uma crônica minha que era mais ou menos baseada neles e o cara fez um comentário e eu fiz um também apoiando a mulher, achando que era uma situação pública e eles gostavam... Ela amou porque eu estava fazendo um *lobby* dela ali, mas o cara ficou puto e mandou uma carta para o Ombudsman pedindo para tirar o comentário. Eu mesmo tirei – porque não era mexer na crônica, era nos comentários.

Chloé (interrompendo) – E as suas crônicas, não são usadas como sedução?

Xico – São... Como sedução. Já tive várias histórias... Como já tive história de a menina pedir: "Ah, se você escrever uma crônica a gente fica junto". Coisa louca, assim, de bêbado saindo de bar. Claro, é a mesma moeda, o mesmo uso de uma coisa, de uma qualidade, mas eu critico ele (o homembuquê) e vários outros tipos. Por eu amar vinho, mas não gostar do discurso em torno do vinho, que eu acho um discurso meio novo rico de que está tomando bons vinhos e tal – toma a porra desse vinho calado!

Pedro – Xico, você tem uma crônica que se chama "A fêmea e a arte de pedir gostoso", onde você diz: "Como elas pedem gostoso. Como elas são boas nisso. Resistir quem há de". Você tem dificuldade de dizer

Durante a noite, Xico se mostrou bem parecido com a imagem que passa em suas crônicas. Deu conselhos amorosos e falou de homens e mulheres, temas sempre presentes na sua escrita.



Com o bar já aberto e a todo vapor, aos poucos algumas pessoas foram se dando conta da presença do convidado ilustre da noite. Fãs, principalmente mulheres, deram uma passada na mesa tecendo elogios e fazendo registros fotográficos.

“não” para as mulheres?

Xico – Tenho *pô*, até para homem eu tenho (*rr*). Enorme dificuldade, enorme mesmo de dizer não na situação profissional também, às vezes acabo pegando uns trabalhos terríveis por conta que é amigo e pediu... Eu melhorei bastante, mas no caso da mulher, essa crônica começou mesmo com uma menina que veio pegar uma cadeira na mesa. É um ato tão singelo, pede de um jeito tão sensacional que é um encanto o jeito que ela... E não é nada armado, é natural daquele pedido. É muito comovente esse tipo de pedido.

Camila – Xico, mudando um pouco de assunto, os lugares em que você morou, Santana do Cariri, Juazeiro do Norte, Recife, Brasília, São Paulo e agora Rio de Janeiro. Qual deles tem maior importância na sua efervescência criativa?

Xico – Eu acho que são Recife e São Paulo. No fundo, o Cariri, as vozes do Cariri. Uma coisa do Recife de quando entrei na confusão mesmo da boêmia literária. Então teve esse período lá, que é um período que vocês estão vivendo de faculdade, onde se consolidam muitas amizades. É uma hora de descobertas, é uma hora muito rica, e isso eu tive no Recife. Em São Paulo é já de homem formado, de já ter noção mais da vida. São as três mais importantes. Brasília parece que eu não vivi lá. No Rio ainda me sinto muito em São Paulo, tem pouco tempo, embora ache o Rio melhor para viver, mas acho que não é melhor para um escritor. É melhor porque eu estou ficando velho e é legal dar umas voltas na praia e em São Paulo não conseguia fazer nada, só ia para o bar e na vida boêmia. No Rio é saudável para o homem, mas para o escritor São Paulo é infinitamente mais rica.

Hugo – Então a boêmia alimenta o seu lado escritor?

Xico – Minha crônica é muito calcada nisso. Veio muito da minha própria experiência como eu falei lá do *Henry Miller*, um pouco do *Bukowski*. Minha literatura, a parte que é mais literária está muito ligada ao que eu vivo, as histórias da noite. Claro, são

histórias que entram adulteradas na crônica, mas são histórias que partiram ali daquele momento, e nisso São Paulo é muito mais rica que o Rio.

Naiana – Você recorre bastante ao humor nas suas crônicas e isso já está quase se tornando uma coisa incomum na crônica brasileira. Qual é a necessidade do humor para você?

Xico – Eu ficava puto quando lancei os primeiros livros de crônicas e ia às livrarias, qualquer uma, no Rio, São Paulo, e a porra do livro estava na prateleira de humor. Eu pegava e botava na parte de livro normal, qualquer livro, mas não humor. Eu não me acho fazendo humor – tem humor no meio – e às vezes até um humor que é uma tragédia... De um pé na bunda, de um chifre, acaba isso ganhando um tom de humor na situação tão patética da dor do cara ali ouvindo *Waldick Soriano* (cantor e compositor brasileiro, ícone da música classificada como brega, 1933-2008), um *Leonard Cohen* (cantor, compositor, poeta e escritor canadense) tomando uma garrafa de whisky e se acabando. Isso é tão patético as vezes que vira coisa bem humorada. Mas eu não me vejo fazendo humor, eu me vejo com muito humor dentro de outro relato.

Naiana – É uma característica sua?

Xico – É, acho que isso volta muito para o Cariri, tem um irmão meu que é tudo isso o tempo inteiro, um tem muito do humor cearense, é muito da forma como a gente é, tirador de onda etc. Eu nunca sentei com aquela coisa: “Ah, vou escrever algo engraçado”.

Hugo (*interrompendo*) – Então apesar de você vir do Ceará, apesar de o Ceará ter essa característica do humor, você não gosta de estar associado...

Xico (*interrompendo*) – Eu acho que sou um péssimo humorista, se fosse escrever para humor, para programa de humor, qualquer coisa de humor, acho que não... Eu faço rir porque não é humor, aí eu desconstruo...

Hugo (*interrompendo*) – Não é o humor

A pedido de uma das entrevistadoras, Xico chegou a fazer um vídeo para uma aluna fã dele, do Curso de Publicidade da UFC, a convidando para a Toca do Plácido – “Oh, Grazi, que você tá fazendo aí que não tá aqui comigo!”.

Já era madrugada quando Xico pediu licença para se recolher. Depois de todos os cumprimentos e agradecimentos da turma, os produtores Cinthia e Pedro o acompanharam até o táxi.



pelo humor?

Xico – Não é o humor pelo humor, nem a categoria humor, nem é intenção. Porque, às vezes, se torna engraçado na TV ou na escrita é porque eu estou dizendo uma coisa séria ali, mas dou uma quebrada, vai para um outro mundo de uma fuleragem no meio. É essa quebrada que desconstrói e faz rir, suspende uma coisa mais ou menos séria ou uma dor. Eu acho que sou mais da tragicomédia do que da comédia só. Se eu tivesse a obrigação do humor eu seria um desastre. Pode até dizer: “Aquele cara é engraçado, conta situações engraçadas”, mas não conseguiria fazer boa coisa só de humor mesmo.

Naiana – Já que é uma coisa espontânea, por que é tão preciso no seu texto?

Xico – Acho que é o jeito de eu ser mesmo, do lugar que eu vim. É mais do homem que de um propósito estético. Claro que quando o texto começa a ter muito essa leitura do humor e você recebe muito retorno por conta do humor, você acaba naturalmente incorporando mais. Eu prefiro quando alguém diz: “Pô, você me fez chorar”. Essa crônica das mães, por exemplo, um bocado de gente escreveu: “Porra, chorei no meio do expediente”. Pode ser uma coisa meio sadomasoquista, mas eu prefiro fazer chorar que fazer rir. Despertar esse tipo de emoção, comover por uma certa dor, uma dor do mundo, do que pela risada.

Cinthia – E você tem um ritual no processo de criação da sua crônica?

Xico – Eu tenho de escrever praticamente todo dia uma crônica, tem os horários de fechamento e continuo funcionando meio que na redação. O blog é mais livre, escrevo lá só de madrugada. Tendo pegar um assunto que não seja tão jornalístico e escrevo mais tarde. A crônica de futebol eu tenho de entregar no máximo até sexta-feira às sete da noite e eu só consigo entregar sexta-feira às sete da noite. Eu tenho o vício, só entrego em cima da bucha, faltando cinco minutos.

Cláudio – E as crônicas de mesa de bar?

Você faz no outro dia? Faz lembrando?

Xico – Quando o assunto é bom mesmo, você não esquece, não precisa anotar, não precisa nada. Quando é só mais ou menos, eu anoto, quando é só uma frase, uma coisa. Porque tem assunto que é tão bom que você sabe que não vai esquecer. Mas sempre ando com um caderninho de anotar uma coisa ou outra, até porque vou ficando cada vez mais sem memória, (*ri*) tem que anotar mesmo. Anoto uma frase que no outro dia vou lembrar a situação inteira, ou uma palavra. Às vezes eu não vou nem usar a situação inteira como crônica, vou construir numa palavra que o garçom disse. Outro dia eu estava numa mesa e alguém usou a palavra enfado. Fazia tempo que ninguém usava a palavra enfado. Anotei e botei numa crônica dois dias depois. Coisinhas assim que ajudam na composição da crônica. Minha crônica é muito de mesa de bar, sai muita coisa.

Pedro – Eu queria falar um pouco dessa sua ida para o Rio. Você tem um grupo forte de amigos em São Paulo, como o Tiago disse que frequentam a Mercearia São Pedro, que tem um histórico em torno disso. O que o fez deixar isso e ir pro Rio?

Xico – Foi mais uma questão de saúde mesmo. Se eu continuasse em São Paulo ia me esbagaçar cedo, lá é oferta de tudo, de show, a noite é mais forte, é muito chamado para a rua, mesmo para essa nossa sede lá onde se reúnem os escritores para beber. Eu acho que fugi um pouco para preservar a saúde, porque eu não fui com um trabalho específico para o Rio. Eu peguei um bocado de coisa lá, mas já fazia coisas no Rio indo de São Paulo, coisas de televisão, por exemplo. Eu fui para dar uma escapada mesmo, para estar perto do mar. Eu não consigo fazer nada para a saúde, sou uma extravagância total. No Rio, ou estando em qualquer beira de mar, eu gosto de andar na praia e de ir para a praia. Isso é uma coisa que eu gosto como atividade física, dar uma caminhada, correr. Foi mais um projeto de tentar ser um pouco mais saudável mesmo, não teve

Xico revelou que aproveitaria a passagem pela região para visitar a mãe e familiares em Juazeiro, deixando a volta ao Rio de Janeiro para depois do fim de semana, na segunda-feira.

ligação profissional.

Chloé – Xico, o nordestino tem muito aquela coisa de família grande e você falou que está querendo cuidar da sua saúde e já não é mais tão jovem. Você tem vontade de ter filhos?

Xico – Eu nunca pensei como um planejamento. Nunca tive: “Ah, vou ter filho”. Eu já morei junto cinco vezes e duas vezes minha namorada engravidou e sempre foi ela que decidiu não ter. Nas duas vezes eram pessoas muito jovens que estavam chegando em São Paulo e aquilo podia atrapalhar a história delas, a trajetória, e dei total razão à decisão delas. Mas eu nunca decidi: “Se quiser ter, vamos ter, bota esses meninos no mundo aí, manda lá para Juazeiro e minha mãe cria mesmo”. (risos). Elas ficam putas quando eu digo isso. Eu digo: “Minha mãe tem um curral lá que recebe os meninos todos nossos” (risos). Não, mas seria lindo, iria no embalo, nos dois casos eram pessoas que eu gostava muito então ia embora. Nunca teve esse planejamento nesses cinco ajuntamentos, que são casamentos. Nunca teve – ah, vamos ter um filho. Nos que tiveram, dois meses depois nos separamos. Nunca houve planejamento – se vem, até por descuido, eu voto para ter.

Chloé – Você disse que morou junto cinco vezes e separava sempre. Você acha que é muito solitário e não consegue viver com alguém definitivamente?

Xico – Eu fui ficando mais solitário, mas foram putas casamentos. Teve um de 12 anos, o maior – aí teve de tudo, dois anos, três anos, um ano. O que era legal é que nenhum deles tinha assim: “Ah, vai ser a vida eterna”. Talvez no primeiro tivesse um pouco essa ilusão nossa, que era uma menina do Recife que foi morar comigo em São Paulo, mas eu nunca planejei nada com relação a isso. Eu gosto de morar junto, inclusive de aproveitar a fase da paixão – e já aí botar pra dentro de casa e vamos se embora. Eu acho que se perde muito tempo e acaba para ir morar junto quando já está esfriando a coisa. Essa coisa de aproveitar na hora que está um paixão radical, de estar junto, é do cacete aproveitar essa hora. Talvez eu nunca me enquadrei no sentido... Todos os meus irmãos têm o que se convencionou chamar de família tradicional direitinho e eu sempre fui tido como um cara mais desmantelado nesse sentido, nunca busquei mesmo uma família mais padrão. Hoje em dia a solidão vai ficando cada vez uma coisa mais valiosa para mim. Começo a ficar meio velho cheio de manias, mas eu acho que sempre cabe uma pessoa na sua vida, não é por isso que eu vou deixar de ter uma pessoa de novo e ter uma história.

Chloé – Você tem medo?

Xico – Não, tenho medo nenhum! Minha mãe é que tem, ela diz: “Meu filho, case. Vai que tem uma dor de madrugada lá sozinho”. (risos). Aí vem ideia que não é casar e ser feliz, porque ela já dá uma patada na mulher, seja quem for. Ela diz que é só uma enfermeira, alguém que se tiver uma dor de madrugada... Eu confio muito principalmente... Eu tenho muitos amigos e tenho o mundo do Cariri. Na hora “H” eu vou lá para uma casinha na Chapada do Araripe, tenho uma sobrinhada toda nova lá, tenho meus outros irmãos. Acho que eu conto muito com isso, nesse sentido.

Chloé – Você tem planos de vir para cá?

Xico – Tenho, tenho. Antes de ir para o Rio eu estava pensando: “Em que lugar eu vou morar?” Queria um lugar de praia, podia ser aqui, no Recife. Queria no Nordeste, menos Bahia, porque já é muito encostado lá. Queria no Nordeste de verdade. Eu já estava buscando um canto desse, uma casa de praia, estava com essa ilusão na cabeça. Despregar de São Paulo foi uma coisa que eu... Meus amigos não aguentavam mais, eu dizia isso há dez anos, que ia sair de São Paulo, que ia para uma praia, que ia voltar para o Nordeste e ninguém acreditava mais. Hora que eu saí de São Paulo foi a coisa mais sensacional do mundo, porque eu tenho planos sim, de vir o mais rápido possível.

Hugo – São Paulo foi a cidade que você mais gostou de morar?

Xico – Foi onde eu me consolidei, a minha história, profissionalmente eu fui mais bem sucedido. Digamos que os primeiros dez anos de São Paulo foram sensacionais. Aí eu exagerei e fiquei mais dez. Eu acho que devia ter saído ali nos dez, mesmo para ir para o Rio, ficava perto. Hoje não é confortável, hoje é só estrago, não representa uma cidade confortável para mim. Eu descobri que estava querendo ir para o Rio quando eu estava topando tudo quanto é viagem para me livrar de São Paulo. Tudo topava, até umas viagens desconfortáveis que não tinha muita vantagem. Não estava mais me fazendo bem. Esses primeiros dez anos foram sensacionais, mas hoje eu não moraria mais, acho que eu não volto mais, nem profissionalmente, nada me faria... Quero ir lá resolver as coisas, tenho uma ligação com a *Folha*, tenho uma reunião uma vez por mês lá.

Cinthia – Vamos falar um pouco agora da sua experiência como romancista. Essa transição do cronista para o romancista, esse processo foi muito árduo para você?

Xico – Foi muito sofrido. Primeiro você pratica um gênero ali que se sente confortável, escreve com um pé nas costas, escreve uma crônica por dia e acha que

Xico Sá já ganhou importantes prêmios do jornalismo como Esso, Folha e Abril.

Xico Sá já passou por diversos veículos como o Jornal do Comércio, Tablóide, O Estado de S. Paulo, Diário Popular, Bravo!, Trip, Veja, entre outros.

Na tevê, Xico já trabalhou em programas como Cartão Verde, Saia Justa e Amor e Sexo.

seja qual for a encomenda você escreve com facilidade, e você é respeitado como cronista. Então é um puta conforto. Quando você entra no romance... Eu ficava com a sensação que estava escrevendo crônica, emendando crônicas em crônicas, tinha uma dúvida tremenda se estava escrevendo um romance mesmo. Eu cortei muito. Esse livro tinha umas 400 páginas e eu tirei muito principalmente para tirar os vícios de cronista. Ainda ficaram muitos, mas era para tirar. Foi um exercício muito difícil, mesmo eu sendo leitor de romance. Eu sou leitor, sobretudo, de romance. Hoje em dia eu só leio romance praticamente. Já fui muito leitor de biografia, de ensaio. E mesmo sendo leitor de romance há séculos, mesmo entendendo o que é um romance, foi um sofrimento muito grande exatamente para se livrar dos cacoetes, da coisa do cronista.

Lívia – Você mudaria alguma coisa do que escreveu em *Big Jato*?

Xico – Total, mudaria o final, mudaria o livro inteiro, seria... Eu nem pego nesse livro, ou não pego na verdade nenhum livro assim... Se eu olho, penso: "Nossa senhora, como que escrevo um negócio desse"! Quando você manda para a editora e sabe que vem para última revisão e não vai ter de mexer mais é muito doloroso, senão você fica reescrevendo a vida inteira. Eu mudaria, na verdade, ali da página 120, 130 até o final, que eu mexeria inteiramente. Eu fiquei muito preocupado de ter um enredo mais bacana e esqueci um pouco o livro, devia ter continuado a viagem de mais linguagem. O livro começa não acontecendo nada, mas é mais linguagem, e eu acho a parte mais interessante do livro. Fiquei muito preocupado com o destino do menino, talvez porque já tivesse o acerto de que ia ser filmado. A coisa do cinema acabou influenciando muito, de eu ficar com o filme já na cabeça. Quando eu estava do meio para o fim do livro, o Cláudio Assis (*cineasta brasileiro*), que vai dirigir o filme, e a produtora acertaram comigo e compraram os direitos no meio da coisa. E acho que acabou tendo um pouco de influência. Eu mudaria muito mesmo, deixaria mais na pegada do início, mais de exercício de linguagem e menos preocupado em saber para onde diabos vai o menino.

Hugo – Ainda sobre o livro, nessa experiência, você já disse em outra entrevista que escreveu para provar a si mesmo e a outros de que era capaz de escrever um romance. Profissionalmente, você percebeu uma mudança no reconhecimento depois do lançamento?

Xico – Eu acho que tem um pouco de mais respeito, mas era muito para resolver...

Dizem que tem uma maldição dos cronistas. Os caras que se consolidam no mercado, na praça como cronistas e são chamados de cronistas, mesmo quando eles lançam um romance, ninguém nota, ninguém gosta e ninguém liga. Pelo menos eu consegui me livrar dessa maldição. O romance foi bem notado, bem criticado etc. Mas você pega, por exemplo, o Otto Lara Resende que tem ótimas ficções e é visto como cronista. Acaba o cronista engolindo tudo. Eu não ligo para prêmios num certo sentido de eu como cronista, já ganhei umas coisas, mas não dou a mínima, se eu ganhar ou perder... Porque eu acho que me garanto na crônica e não tem... Mas nesse (*o Big Jato*) eu ficava com expectativa nos prêmios e me ajudou a dizer que eu era pelo menos romancista porque ele foi finalista de todos os prêmios, o *Portugal Telecom*, *Prêmio São Paulo de Literatura*, todos os importantes. Pelo menos estava entre os cinco, entre os dez o tempo inteiro. Isso serviu para avisar, assim: "Não, você é. Se o prêmio era para romance e ele entrou..." A minha dúvida era tamanha se eu tinha escrito um romance, dúvida mesmo. Então surgiu para matar isso. Eu estou escrevendo o segundo e já estou desobrigado... Assim, quero escrever um bom livro, mas não tenho mais essa loucura, e não quero... Não acho que vou me tornar um romancista, continuo um cronista que vez por outra vai lançar um romance. Eu me diverti muito escrevendo, chorei, ri. Foi muito diferente de qualquer trabalho, da crônica, que eu ganho dinheiro com isso. Uma aventura à parte que me deu muito prazer, muito mesmo.

Naiana – Xico, depois de escrever o romance, você acredita que realizou o sonho de menino de ser escritor?

Xico – Acho que sim, ficou fechado. Eu quero escrever outros romances. Agora quando eu coloco lá "Xico Sá, jornalista e escritor" eu acho que não estou mais mentindo a parte do escritor. Porque antes eu botava que era jornalista e escritor e achava que era apenas para eu me contentar que eu era também jornalista e escritor. Agora com o romance, com o conjunto de crônicas, alguns livros de contos que eu fiz, um pouco da poesia... Com esse pacote todo, eu acho que posso botar sem estar mentindo, até no quadrinho do hotel – função: jornalista e escritor. E eu não estou mais mentindo para mim mesmo nem para ninguém. Serviu muito para isso, para fechar uma coisa. Era uma coisa de provação. Eu tenho muitos amigos escritores... Era uma necessidade minha, uma necessidade sincera de mostrar... Tanto que eu lanço – nossa senhora! – quase eu volto lá para o Crato e me escondo lá. Ficava olhando, assim, por uma frestinha o que

Como bom profissional multimídia que é, Xico Sá também foi roteirista do filme *Deserto Feliz*.

saia sobre o livro. Um medo da porra de... Se vem uma crítica e diz: "Porra, cara, isso não é um livro". Inclusive para me elogiar, porque eu tinha medo de uma crítica para me elogiar como cronista e dizer: "Volte a bater a sua bolinha aí na crônica que você não é do ramo". Eu tinha esse temor, mas as críticas foram muito positivas e ressaltavam essa coisa que tinha um pouco do cronista no livro, mas eu tinha feito um romance sim – aí eu aliviei.

Pedro – Você é satisfeito hoje com a sua imagem como um escritor de verdade?

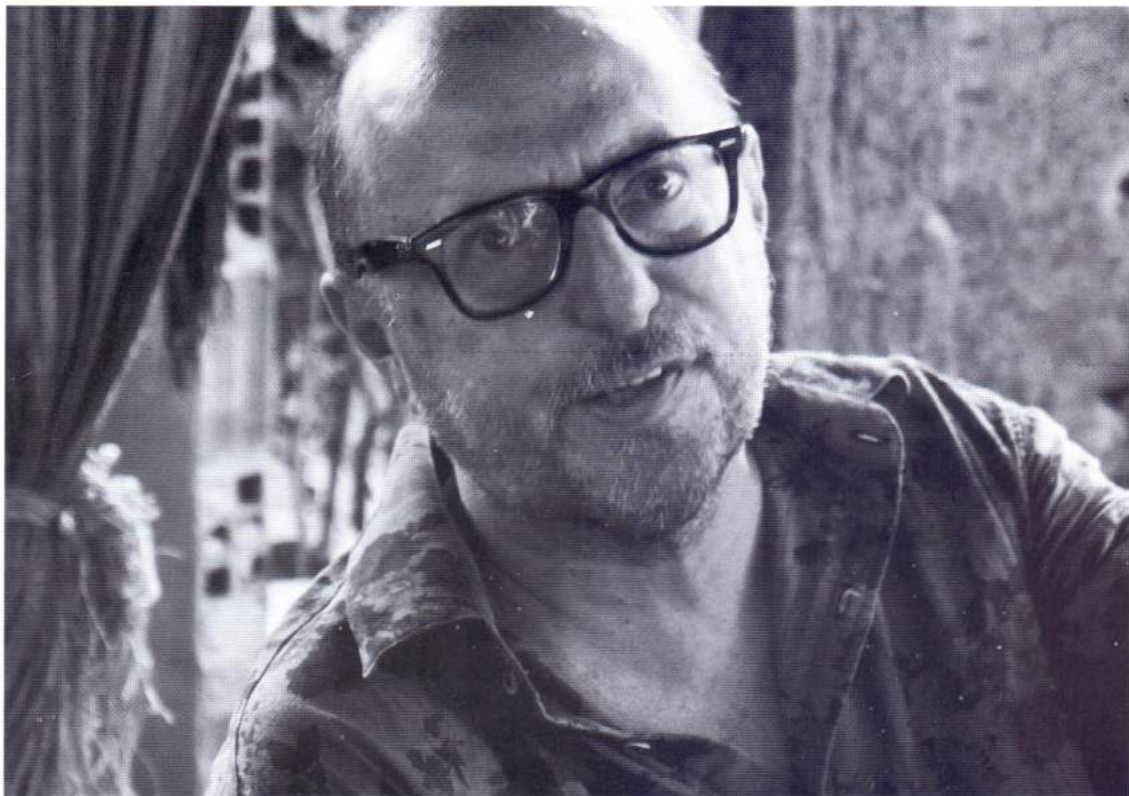
Xico – Não, não sou. Como escritor não. Como jornalista, cronista, mas como escritor ainda tenho... Tem uma coisa legal de virar um romancista depois de velho que eu me sinto muito iniciante, me sinto com uma gana, com uma força, uma energia muito forte para escrever romance, como estou escrevendo esse outro, porque parece que é uma brincadeira nova. Parece que eu estou começando agora, me dá uma juventude isso. Eu me acho um jovem romancista. Um velho cronista e um jovem romancista. Quando eu botei ali as primeiras linhas desse novo, quando abri o arquivo que estava que eu ia fazer um novo romance foi uma alegria de menino. Porque é uma aventura nova. A crônica jamais vai me dar esse... Embora eu curta as crônicas, uma frase ou outra que eu acerto, mas jamais vai me dar essa alegria, esse entusiasmo que me dá o romance, que o romance deve me dar daqui para frente. Isso dá uma animação da porra! Eu fico lendo ali, pensando numa ideia para escrever... Talvez

seja o mesmo conforto que a religião dá para muita gente.

Cinthia – Você já disse em entrevista que não se dá a obrigação do grande livro, mas se dá a obrigação da grande vida. Você está vivendo a grande vida?

Xico – Isso era mais um frase de efeito (*risos*). Eu doido para ser escritor e dizendo isso. Era mais eu já me contentando, não saía nada que prestasse... Mas eu gosto de viver a grande vida, eu acho mais rico a grande vida – se tivesse mesmo numa escolha fatal – mas acho que dá para escrever o livro que eu queira vivendo uma grande vida. Essa coisa da vida, eu sempre fico me questionando o tempo inteiro, disso eu não tenho nem a certeza do cronista, nem o conforto do cronista. Agora a vida não, eu fico sempre cobrando ser mais saudável, mais condizente com a minha idade e nunca consigo. Eu só tenho arrependimentos, angústias, manhãs de ressacas terríveis... Isso da vida, eu acho que nunca vou conseguir consertar, nem ter um mínimo de contentamento. A ida agora para o Rio deu uma falsa ilusão e uns 30% de verdade que eu estou mais saudável, porque pelo menos eu dou essa caminhada e isso tem sido muito legal. O que eu persigo hoje é isso, tentar conciliar meu mundo, que é um pouco de boemia, com não ser tão esbagaçado. Conseguir chegar o mais longe possível.

Xico Sá tem também participações em clipes musicais. Em um deles, junto com o cantor Sidney Magal, nosso entrevistado dança ao som da música "Tenho".



O escritor já publicou mais de dez obras e, como co-autor, tem participação em pelo menos outros dez livros. Entre os livros mais conhecidos, publicados por Xico, estão Modos de Macho & Modinhas de Fêmea e Chabadabadá.